

# Doze mil candidatos disputam 2,9 milhões de votos, hoje, na PB

Mais de 9,7 mil urnas estão espalhadas pelos 223 municípios, e 42 mil pessoas foram mobilizadas pelo Tribunal Regional Eleitoral para controlar o processo de votação no Estado. [Página 5](#)

Foto: Marcus Antonius



## Contra maus-tratos e pela dignidade dos animais

A proteção aos bichos de estimação não é só uma questão ambiental, é também moral e o abandono deles pode revelar bastante sobre seus donos. [Páginas 13 e 14](#)



### Almanaque

#### O maestro dos maestros

Um perfil de Severino Araújo, que comandou a lendária Orquestra Tabajara por 70 anos.

[Página 17](#)

Ilustração: Tônio

### Cultura

#### Bom de papo

Jornalista paraibano, José Nêumanne Pinto compila, em dois livros, entrevistas que fez para seu blog no jornal O Estado de São Paulo.

[Página 9](#)



Foto: Felipe Rau/Estado Conteúdo

### Jornal A União nas Eleições 2020

A União irá circular nesta segunda-feira (16) com uma edição especial, trazendo a cobertura completa das Eleições 2020 e detalhes do domingo de votação, além do resultado nos 223 municípios da Paraíba. Não perca!



Foto: Evandro Pereira

**Daniel Beltrammi** Diretor-presidente da PB Saúde fala sobre o novo modelo de gestão do Estado. [Página 4](#)

### Esportes

#### 'Aquabike' chega às praias da Paraíba unindo esporte e lazer

Modalidade multiesportiva surgiu nos EUA e já vem sendo praticada nas praias do Poço e Jacaré. [Página 12](#)

### Paraíba GIRO NOS MUNICÍPIOS



**Engenho Corredor** Conheça a cidade de Pilar, lar do escritor José Lins do Rêgo e suas histórias. [Página 8](#)

#### Do papel à biometria: 20 anos da informatização do voto

Em 2000, o eleitor paraibano dava seu primeiro voto na urna eletrônica para eleger prefeitos e vereadores. [Página 6](#)

**SEU VOTO FORTALECE A DEMOCRACIA**

**VÁ ÀS URNAS**



### Colunas

/// A responsabilidade do eleitorado é maior do que grande parte dele imagina. [Página 2](#)

Editorial

/// Entendo pouco de pássaros, portanto, não sei o que fazem na zona praieira aves que conheci nos lajedos do Sertão. [Página 2](#)

William Costa

/// Como leitora, ora sou apressada e quero apenas o resumo do fato, ora busco o texto-deleite. [Página 18](#)

Angélica Lúcio

Editorial

# Antes, e não depois

Hoje é mais um daqueles dias decisivos para a História do Brasil. A democracia outorga aos cidadãos e cidadãs, habilitados a votar, o poder de mudar, pelo voto livre e secreto, o destino da nação, elegendo, no caso deste pleito, os homens e mulheres que vão administrar ou continuar gerenciando os municípios, nas esferas executiva e legislativa. É nas cidades que a maioria das pessoas vive, portanto, onde a vida nacional de fato acontece.

A responsabilidade do eleitorado é maior do que grande parte dele imagina. Os candidatos e candidatas dependem dele, para se materializarem em poder político-administrativo, quando seguirão ou não a carta de intenções apresentada ao público, no decorrer da campanha eleitoral. A vitória não significa do modo algum o recebimento de uma carta branca, embora, infelizmente, essa distorção ainda ocorra com muita frequência.

Do ponto de vista de uma ética política, a candidata ou candidato eleito deve cumprir o que prometeu, ou seja, deve obediência à carta programa por meio da qual fez chegar ao eleitorado de sua circunscrição os projetos que pretende desenvolver, no decurso do mandato. Por que isso muitas vezes não acontece? Simplesmente porque continua em voga uma cultura de não acompanhamento popular dos encargos, em todas as esferas do poder.

Após apertar os botões da urna eletrônica, um número significativo de eleitores e eleitoras dá as costas à cabine e àqueles ou àquelas que mereceram o voto de confiança. Votar, nesse caso, é como lavar as mãos. Cumpri meu papel, o resto que se ajete por si só. A fiscalização popular do mandato é essencial para que este chegue a bom termo. Quantos crimes não seriam eliminados, bastando que o eleitorado exigisse uma prestação de contas.

Na hora de votar, o eleitor ou eleitora precisa lembrar-se de si e do lugar onde vive. Quais as suas necessidades prementes, de sua família, de seus vizinhos, relacionadas às obrigações do poder público? O que falta para que a cidade ofereça mais qualidade de vida? Que candidato ou candidata apresenta as melhores propostas para os graves problemas que afetam a coletividade? São perguntas que devem ser feitas antes, e não depois da eleição.

Crônica

William Costa  
nonononon@nonon.com.br

## 'Carcaraus'

Embora coisa rara hoje em dia, quase sempre que estou fora de casa, sem fazer nada de importante, a não ser manter-me longe da luz irritante que emana do olho do computador, a salvo também do óculo rutilante da televisão, que a vida inteira tenta inutilmente hipnotizar-me, gosto de observar o mundo lá fora, rindo de coisas sutis, debruçado na janela do telefone celular.

Dia destes, sem mais nem menos, deparei-me com uma conferência de carcarás, na faixa de areia da praia do Cabo Branco. Estava na postura do jacaré, contemplando os pombos comendo amendoim e outros orgânicos menos nobres, deixados cair por ali por essa gente que não se emenda, quando pousou o primeiro 'carcarau' (no dialeto de dois aninhos de Lucas, meu neto).

Penso ser fácil entender a dinâmica de aterrissagem dos aviões, reparando no modo como os caranchos descem ao chão. De um coqueiro ou edifício, lançam-se para baixo, de carona na corrente de ar, fazem um giro de quase trezentos e sessenta graus, imagino, e, com o Nordeste soprando contra as asas bem abertas, inclinam o peito para cima, e correm pela areia.

Era como se algo ou alguém invisível tivesse desenhado no céu uma ponte aérea, pois nenhum dos doze carcarás pisou na orla por rota alternativa; partiram de pontos diferentes, predominando Sul e Oeste, mas

cumpriram a mesma coreografia e o mesmo riscado, antes de fechar as asas. Ficaram por ali, altivos, olhando-se e conversando, sabe-se lá sobre o quê.

Entendo pouco de pássaros, portanto, não sei o que fazem na zona praieira aves que conheci nos lajedos do Sertão. Um ornitólogo diletante amigo meu explicou que os carcarás abandonaram o Semiárido e rumaram para o Litoral, fugindo da destruição de seu habitat natural. Será? Se realmente for esse o motivo, logo, logo terão que levantar voo e mudar novamente de domicílio.

Interrogo-me: esses bichos são invisíveis ou frutos de minha imaginação? Digo isso porque pessoas passam correndo e não dão a menor atenção a eles. Outras arrastam pneus e paracaidas, pulam como sapos, socam sacos de pancada, esfalfam-se em ziguezagues, isso a poucos metros do grupo de conferencistas que, movendo-se de lado, evitam que passem por cima deles.

Creio que os carcaraus fecharam a pauta. Um a um, não sei se pela ordem de chegada, bateram asas e foram embora, suas sombras passando sobre mim. Desfiz a pose, antes que os garis me recolhessem, confundindo-me com um totem, na pequena ilha que meu corpo ocupa, cercada de drones, ambulantes, banhistas, atletas, mesas, caixas térmicas, cadeiras e guarda-sóis.

/// Era como se algo ou alguém invisível tivesse desenhado no céu uma ponte aérea, pois nenhum dos doze carcarás pisou na orla por rota alternativa. ///

Artigo

Sitônio Pinto  
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

## Se meu pai fosse vivo

Este desaforo o velho não trazia pra casa. Ele não ia engolir que um presidente da República abusado chamasse o Brasil de país de maricas. No mínimo, eu iria ter de dar meia volta e acertar pelo menos um *upper cut* na queixada do boquirroto. De esquerda.

O cara é metido a galo cego. Depois de xingar os homens do Brasil de maricas, voltou-se contra os Estados Unidos (seus patronos) e cantou os gringos para a guerra: "quando acabar a saliva, tem a pólvora." Isso em relação à Amazônia. Ele não aguenta um sopapo de Bush, ou de Biden.

Cadê a OAB que na dá cobro à fanfarra desse cara? Ainda é recente a lei que protege o pessoal da LGBT. Se eu fosse advogado iria nessa. Mas eu me bacharelei e não entrei na Ordem, pois detesto Direito e todo que lhe diga respeito.

Papai é quem era um cidadão devoto dos símbolos nacionais, dos hinos cívicos, do IR. Sem nenhum exagero: era o primeiro brasileiro a entregar a declaração. Assim: moramos no ponto mais oriental das Américas, onde o sol nasce primeiro, conforme eu já disse, primeira e várias vezes.

Papai era um tributarista aposentado e nostálgico do seu tempo de fiscal. Só faltava entrar no mar no afã de ser o primeiro a declarar sua modesta renda. Se todo brasileiro fosse como ele o Brasil seria um país sem problemas financeiros, como o país de Mansa Musa.

Mas, coitado do Brasil. É tão pobre que se rouba até bacias sanitárias usadas, como roubaram a minha. É só deixar a casa fechada alguns dias. Lembro da vez em que um homem do povo

contava para quem quisesse ouvir o episódio de outro popular na feira, a catar cascas de bananas pelo chão. De repente, o homem parou de falar e começou a rir. Instado pela mulher por que estava rindo, o passageiro da noite revelou o segredo do seu bom humor hilário. É que, ao chegarem à casa, não teriam nem cascas de banana para lanchar.

Quem seria o advogado de papai na peleja contra o presidente?

Sem dúvidas, seu primo e amigo fraterno Praxedes Pitanga, autor do primeiro projeto brasileiro de reforma agrária, no tempo em que foi deputado federal, acho que pela UDN. Pode? Lembro-me de Pitanga explicando o projeto

a papai, lá em casa, onde o primo se hospedava. Mas naquele tempo eu não manjava nada de reforma agrária. Hoje sou a favor do fim da propriedade, seja de que tamanho for. Uma proposta mais ou menos como a adesão de Antônio Carlos à conspiração do golpe de 1930: "Façamos a revolução antes que eles façam."

Pitanga como advogado, na Assembleia da Paraíba, para os deputados que a custo continham outro parlamentar que fazia menção de sacar o revólver: "Podem soltar. Ele só está segurando as calças."

No leilão natalino da paróquia de Princesa, em 1930 onde o oficial do Exército que comandava a tropa de ocupação da cidade rebelde, pilheriara, dizendo que arrematava um chocalho para pendurá-lo no pescoço do promotor, o Doutor Pitanga: "Arremato este chocalho para pendurá-lo no pescoço da égua que pariu o capitão!"

Domingos Sávio  
savio\_tel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762



Com uma história rica da época das ocupações holandesas, a Ponte da Batalha tem 160 metros de comprimento, fica na PB-004, entre os municípios de Santa Rita e Cruz do Espírito Santo, e garante o acesso entre o Litoral e o Brejo paraibanos

# Ponte da Batalha: um caminho para a paz e o progresso na PB

Acesso sobre o Rio Paraíba marca local onde, em 1636, fazendeiros portugueses conseguiram vencer os invasores holandeses

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

“Que a ponte, que vai suportar o peso do vai e vem do nosso progresso, leve e traga a solidariedade, a esperança e a fé dos irmãos brejeiros e dos irmãos sertanejos”, disse João Pessoa em seu discurso de inauguração da Ponte da Batalha, em 17 de novembro de 1929, enquanto governava o Estado. A inauguração, na verdade, foi mais uma das reconstruções pela qual a ponte passou desde que foi erguida, ainda em meados do século XVIII, entre os municípios de Santa Rita e Cruz do Espírito Santo.

A construção de ‘inauguração’ quase centenária aponta ser da época da invasão dos holandeses, segundo historiadores. A região onde a ponte foi erguida teria sido palco de lutas sob o comando do capitão Francisco Rabello, conhecido por Rabellino, que em 14 de outubro de 1636 teria matado o segundo

diretor geral holandês na Paraíba, Ippo (Ypo) Eyssens.

É justamente em razão dessa batalha que a estrutura recebeu o nome de “Ponte da Batalha”; na região também existe duas igrejas que são homenagens da mesma época: a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Igreja Nossa Senhora da Batalha. De acordo com a historiadora Ana Leal, a essência da Ponte da Batalha é ser exatamente o caminho que foi traçado para alcançar a paz. A história da construção da ponte e da Igreja da Batalha são marcantes, pois revelam uma situação de conflito que destoa dos registros da época no Estado.

## Corpo a corpo

“A gente quase não registrou histórias de derramamento de sangue, então, na época, existiu um conflito corpo a corpo entre os holandeses e os senhores de engenhos portugueses. A Ponte da Batalha é o momento crucial, quando os holandeses per-

dem e houve uma promessa para a Nossa Senhora do Socorro de que se a batalha fosse ganha, ergueriam uma igreja no lugar em que a batalha foi ganha”, explicou Ana.

Os holandeses estavam em terras paraibanas a fim de buscar conhecimento sobre o plantio e cuidado relativo à cana-de-açúcar e sua produção, segundo explicou Ana Leal. A historiadora ainda conta que, na época, a travessia na região foi muito difícil e que, durante as batalhas, os envolvidos tinham que carregar a mão todo o armamento. O local, onde atualmente está a ponte, foi o local exato da batalha luso-holandesa.

Depois que Rabellino e seus comandados foram socorridos pela população local, foi construída a Capela do Socorro (Nossa Senhora do Socorro), às margens do Rio Paraíba. Essas igrejas foram erigidas para cumprimento de promessas feitas por populares pelas vitórias dos portugueses contra os invasores holandeses.

## + Reconstruções ao longo do tempo

Apesar da dificuldade em encontrar documentos ligados à primeira construção da Ponte da Batalha, os registros mais antigos remontam a uma das armações iniciais, datada por volta de 1860. Segundo publicações da época, no jornal paraibano O Publicador, a ponte possuía uma estrutura de ferro com 25 palmos de largura e 415 palmos de comprimento – isso equivale a, aproximadamente, cinco e 94 metros, respectivamente. Poucos anos depois, em 1883, jornais como o Liberal Parahybano apontavam o desgaste da estrutura devido às cheias do Rio Paraíba.

Na década de 1920, com Sólton de Lucena, foram feitas as primeiras avaliações para a reconstrução que viria a ser concluída e inaugurada no governo de João Pessoa. A obra inaugurada no final da década de 20 possuía 93 metros de comprimento e nove de altura.

De lá para cá, a Ponte da Batalha passou novamente por reparos, sendo o último uma reconstrução ano passado – visto que a ponte não resistiu à correnteza

o Rio Paraíba, que afetou a estrutura de sustentação, e parte dela inclinou.

Segundo dados do Departamento de Estradas e Rodagem da Paraíba, o DER-PB, em 2009 a ponte passou por uma obra de “restauração, reforço e alargamento, para adequá-la à largura da rodovia PB-004”. Entre 2012 e 2013, a Ponte da Batalha passou por uma reforma que a ampliou para 160 metros de comprimento, oito metros de largura e 12 metros de altura, adequando a estrutura à calha do Rio Paraíba no local. Em 2019 se fez necessária uma reconstrução total feita pelo DER, visto que a estrutura original da ponte não suportaria mais um reparo. Mais uma vez, a razão dos danos foram as chuvas fortes.

A estrutura localizada na PB-004 é a principal ligação entre o Litoral e o Brejo paraibano, transformando o trânsito para o interior do Estado em algo mais rápido e ágil. Levando, dentre outras coisas, solidariedade, esperança e fé aos brejeiros e sertanejos, bem como ressaltou João Pessoa há 91 anos.

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### ‘BARRIGAS’ E ELEIÇÃO: DOIS CASOS EM QUE A PRESSA FOI INIMIGA DA PERFEIÇÃO NO JORNALISMO IMPRESSO

Em jornalismo, o termo ‘barriga’ é usado quando se publica uma informação errada, involuntariamente. Na história do jornalismo impresso há dois casos célebres: um na edição de 1973 de A União, outro na edição de 1948 do jornal Chicago Tribune (EUA). Ambos envolviam sucessão presidencial. A edição especial de 120 anos de A União rememorou o fato: “Um equívoco na edição de 17 de julho de 1973 quanto ao nome do sucessor do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, gerou a maior ‘barriga’ da história de A União. O sucessor do homem que criou a frase patriótica “Brasil: ame-o ou deixe-o” era o general Ernesto Geisel. Mas A União, órgão fiel aos ditames da Revolução de 31 de março de 1964, publicou que Orlando Geisel fora o escolhido. Orlando vinha a ser o irmão mais velho de Ernesto e era o então ministro do Exército. A gafe, inserida em manchetes na primeira página, custou caro aos dirigentes do jornal. A “barriga” gerou demissões de toda a diretoria e do então secretário da Comunicação, Noaldo Dantas”. No caso do Chicago Tribune, em plena corrida presidencial, o jornal estampou na manchete, na pressa de dar furo nos concorrentes: “Dewey derrota Truman”. Na verdade, Harry Truman, então candidato à reeleição, havia derrotado Thomas Dewey por 114 votos do colégio eleitoral. Truman posou, sorridente, com o jornal (foto). Dito isso, recomendo aos órgãos noticiosos: nada de pressa para divulgar os candidatos eleitos desta eleição.



#### ONDE ELES IRÃO VOTAR

Como é praxe em eleições, o governador João Azevêdo, assim como os prefeitos Luciano Cartaxo, de João Pessoa, e Romero Rodrigues, de Campina Grande, divulgaram os locais onde irão votar hoje. O governador votará no Colégio Primeiro Mundo, em Manairá. Cartaxo na Escola Matheus Augusto de Oliveira, Bairro dos Estados, enquanto Romero votará na Escola Isabel Rodrigues, em Galante.

#### DE “GRIPEZINHA” A “CONVERSINHA”

Ao seu modo peculiar de enxergar a realidade das coisas, para dizer o mínimo, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) tenta minimizar a possibilidade de ocorrer uma segunda onda da covid-19 no Brasil. Classificou de “conversinha” – a primeira onda ele tachou de “gripezinha”. Mais de 164 mil pessoas já morreram em decorrência da doença no país.

#### LANÇAMENTO NA QUINTA-FEIRA

Titular da 1ª Vara da Infância da capital, o juiz Adahilton Lacet lançará o livro de crônicas ‘Os ditos do Quiçá’, na próxima quinta-feira, a partir das 17h, no Hotel Globo, no Centro Histórico de João Pessoa. O livro já está à venda nos sites da Arribaçã Editora, de Cajazeiras, da Livraria do Luiz, do Sebo Cultural, da Estante Virtual e da Amazon.

#### COM FINS ELEITÓRIOS (1)

Desde que assumiu a prefeitura de Bayeux por via indireta – foi eleita pela Câmara de Vereadores, após a renúncia de Berg Lima –, Luciene de Fofinho (PDT) está na mira do Ministério Público Eleitoral, que enxerga prática de desmandos financeiros na gestão com fins eleitoreiros. Em nova denúncia, o MPE acusa a prefeita de contratação de servidor em plena campanha eleitoral.

#### COM FINS ELEITÓRIOS (2)

De acordo com o MPE, Luciene de Fofinho teria elevado a folha de pessoal do município para obter vantagens eleitorais ilícitas – ela é candidata à reeleição. Entre setembro e outubro, teria ocorrido um aumento de mais de R\$ 416 mil na despesa com a folha. A Justiça deu prazo de cinco dias para que ela apresente sua defesa.

#### JUSTIÇA ELEITORAL RECOMENDA: LEVE SUA CANETA PARA VOTAR

A Justiça Eleitoral expandiu em uma hora o horário de votação de amanhã, na tentativa de evitar aglomerações, por causa da pandemia – a votação ocorrerá das 7h às 17h. E também determinou a adoção de regras obrigatórias: ninguém terá acesso à sessão eleitoral se não estiver de máscara. A recomendação é que o eleitor leve sua própria caneta para assinar o caderno de votação.

## Daniel Beltrammi

Diretor-presidente da PB Saúde

## “Fake news, em tempo de crise sanitária, ceifam vidas”

Médico fala sobre o combate à covid e o projeto da PB Saúde

Iluska Cavalcante  
cavalcanteiluska@gmail.com

Nomeado esta semana para assumir o cargo de diretor-superintendente da Fundação Paraibana de Saúde (PB Saúde), o atual secretário executivo de Gestão da Rede de Unidades de Saúde da Secretaria de Es-

tado da Saúde (SES), Daniel Beltrammi, falou sobre esse novo modelo de gestão de saúde no Estado, além de comentar sobre o trabalho intenso desempenhado durante os momentos críticos da pandemia, em entrevista ao Jornal A União.

Com as mudanças, a novidade será uma seleção

pública, que deve ter o seu edital publicado ainda no início de 2021. Além disso, o médico ressaltou que o momento é de manter os cuidados, focando sempre no cuidado com o próximo. De acordo com Beltrammi, não há remédio melhor numa pandemia do que a solidariedade.



Foto: Evandro Pereira

## A entrevista

## Como surgiu a ideia da Fundação para administrar a saúde da Paraíba?

■ A Fundação Paraibana de Saúde é uma fundação pública, ela pertence ao povo da Paraíba, e vai lançar mão de uma série de boas práticas para poder melhorar o processo de gestão. A medida em que o Estado foi enfrentando problemas com as Organizações Sociais de Saúde (OSS), o secretário Geraldo Medeiros, governador João Azevêdo e eu, nos encontramos em função desse motivo. Precisávamos pensar em um novo modelo. Mas um modelo que não repetisse alguns equívocos que têm no modelo de OSS. Percorremos um caminho de investigar que modelos poderiam nos atender. Eu tenho uma experiência de nos últimos 20 anos ter trabalhado com esse modelo de fundação pública de direito privado no Estado de São Paulo e em outros estados. Eu pude ter a oportunidade de apresentar esse modelo tanto para o governador, como para o secretário de Estado, que entenderam ser esse o melhor caminho. Desde então começamos um esforço para viabilizar o modelo.

## Na prática, que tipos de melhorias e mudanças a Fundação trará para a saúde da Paraíba?

■ É uma opção por um novo modelo de gestão, que vai permitir com que a gente alcance avanços que a Paraíba não conseguiu até o dia de hoje. O primeiro e mais importante é melhorar as relações de trabalho com os profissionais de saúde. A seleção pública, uma vez terminada, vai contratar as pessoas por meio da Consolidação dos Direitos de Trabalho. É um contrato estável, com direitos sociais, férias, 13º, direitos de suporte a alimentação, transporte. Isso é muito importante para os trabalhadores e trabalhadoras e para as suas famílias. Mais do que isso, vai permitir agilidade e economia. Já que a maioria dos hospitais vai acabar sendo incorporado pela Fundação, ela terá uma capacidade de negociação muito grande. Vai fazer processos de compra rigorosos, transparentes e mais ágeis.

## O que podemos esperar dessa nova seleção pública? Há uma previsão do número de vagas que serão abertas?

■ Esperamos poder lançar o edital no começo de 2021. Serão contratados profissionais tanto da área de saúde, quanto de apoio à gestão, com profissionais administrativos. Nesse momento nós não vamos dar a dimensão do número de vagas porque é exatamente isso que estamos fechando, fazendo um estudo bastante apurado. Então dentro desse contexto, muito em breve, no momento de lançamento do edital, podemos dar mais detalhes da dimensão.

## Principalmente entre os meses de março e agosto a Paraíba precisou tomar decisões ágeis e certeiras na compra de equipamentos

## e investimentos na abertura de hospitais de campanha. Como foi o trabalho de transparência dos gastos públicos realizado pela Paraíba, considerado um dos melhores desempenhos do país?

■ As avaliações independentes de instituições que fazem esse tipo de controle, consideram a Paraíba o 4º melhor Estado do Brasil em transparência, ou seja, em divulgação da aplicação dos recursos das medidas de combate à pandemia. Esse é um dado muito importante, porque nós temos uma obrigação com a população de deixar claro o que temos feito com o recursos. Temos que deixar claro também para os municípios, para os 223 prefeitos da Paraíba o que tem sido feito, como tem sido feito. Convidá-los a se juntarem em algumas das ações. E também deixar claro, claríssimo, o que tem sido feito com aplicações de recursos dos órgãos de controle, aqui cito o Ministério Público, o Tribunal de Contas do Estado, para que, com muita tranquilidade a gente possa prestar contas de cada centavo utilizado e como tem sido feito.

## Ainda no início da pandemia, foi perceptível o trabalho de planejamento prévio no combate à doença, mesmo sem casos registrados na Paraíba. Qual foi a estratégia utilizada pela Secretaria de Saúde do Estado?

■ Se a gente pudesse olhar a Paraíba, comparando, inclusive com os estados que fazem fronteira com ela, ao Norte com o Rio Grande do Norte, ao Sul, com Pernambuco e a Oeste com o Ceará, quando a pandemia começou, dentro dos nossos planejamentos, nós estávamos muito preocupados de sermos atingidos por esses estados, porque eles estavam numa fase muito acelerada de crescimento no número de casos. Então o planejamento começou muito cedo. Na segunda quinzena do mês de janeiro nós já tínhamos um plano na mesa consistente, que tinha várias etapas.

## Como esse plano foi implantado?

■ Entre as etapas estava fortalecer a rede, viabilizando novos leitos. Então tivemos o plano do Hospital Solidário, foram 130 leitos disponibilizados, num prazo inferior a 30 dias. A organização dos hospitais que tinham UTI. A preocupação de fazer uma reorganização, não só em João Pessoa, no nosso plano tínhamos uma visão de fazer o Estado, como um todo, ser capaz de responder à pandemia. O Estado precisou organizar na capital o primeiro serviço de referência à gestante com covid. A Paraíba largou na frente e a Maternidade Frei Damiano respondeu como referência. A construção e reforma do novo hospital de Campina Grande, que já está operacional e será um legado da pandemia. Nós não só viabilizamos leitos, mas formamos as equipes, tivemos 300 profissionais em formação que percorreram todo o Estado.

Na sua análise, como a Paraíba conseguiu

## enfrentar os momentos mais críticos da pandemia?

■ No meu ponto de vista, todas essas questões reunidas que citei anteriormente, nos permitiram atravessar esse período de maio a agosto, que foi muito difícil, com muita dignidade. Nenhuma família paraibana esperou nem um minuto por leito hospitalar, que é uma situação extremamente humilhante e desesperadora. Todas conseguiram ter acesso em tempo oportuno.

## Apesar da diminuição no número de casos diários de covid-19 na Paraíba e na maior disponibilidade no número de leitos, sabemos que a pandemia ainda não acabou. Quais são os próximos passos no combate a esse vírus no Estado?

■ Agora é um momento de nós colocarmos os nossos esforços em uma atividade que é muito importante. É hora de fortalecer a prevenção contra a covid-19. Está na rua o “Continuar cuidando” Observatório da Covid-19, uma pesquisa de soroprevalência que vai acompanhar 9,6 mil paraibanos em todo o Estado e vai nos ajudar a dar a entender coisas muito importantes. A dimensão socioeconômica da pandemia, a dimensão dos impactos educacionais e, claro, aspectos epidemiológicos, como a pandemia alcançou as famílias paraibanas. Isso vai nos ajudar a seguir planejando bem, em especial o ano de 2021.

## A Secretaria de Saúde teve um trabalho consistente em divulgar os dados da pandemia e fornecer informações. Em contrapartida, a quantidade de fake news nesse período aumentou. Como as notícias falsas trabalham contra o combate à pandemia?

■ Foi necessário que a secretaria fizesse uma forte estratégia de comunicação para que o secretário Geraldo Medeiros, eu e toda a equipe pudéssemos ocupar os espaços de comunicação e nos aproximarmos das pessoas para fazê-las tomar boas decisões. As fakes news, em tempo de crise sanitária, ceifam vidas. Uma decisão errada, baseada numa informação falsa, pode fazer uma pessoa pagar com a sua saúde por isso. Nesse sentido, eu quero deixar como um testemunho de um profissional de saúde que acompanhou a crise de dentro: o sistema de comunicação, os profissionais da imprensa na Paraíba foram absolutamente exemplares. Entenderam a importância do momento. A Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) fez um trabalho absolutamente invejável, consistente, em cima do fato. E nos ajudou, inúmeras vezes, assim como outros veículos de imprensa, a desconstruir em tempo quase real, todas as tentativas de exposição à população paraibana a notícias falsas sobre a pandemia. Eu não tenho

dúvida alguma que esse foi um elemento que colaborou muito com o processo de salvação de vidas e bem-estar.

## Como médico sanitário, gostaria que você explicasse a importância da vacinação em um momento como o que estamos vivendo atualmente.

A vacinação é importante? Nossa, a vacinação é fundamental! Mas para o Sistema Único de Saúde (SUS) isso não é novidade. O SUS vacina todos os brasileiros, do zero ano de vida até o fim da vida, há mais de 35 anos. Para nós, isso é corriqueiro. Ele é conhecido como o maior caso de sucesso em imunização da vida, por meio de vacinação, do planeta Terra. Não há nenhum outro Sistema de Saúde Público que alcance mais de 211 milhões de pessoas, nós somos o maior. Pessoalmente, eu defendo que qualquer vacina que esteja registrada na Anvisa, que significa que está liberada, deve ser adquirida pelo governo brasileiro e disponibilizada o quanto antes. Esperamos que no primeiro trimestre do ano que vem nós possamos ter essas vacinas disponíveis.

## Que recado você gostaria de deixar aos paraibanos que, assim como todo o mundo, estão precisando aprender a conviver com a pandemia?

■ Eu acho que tem uma questão que para mim é decisiva. A gente vai precisar fazer um exercício de cultivar a amizade fraterna. Precisamos poder ter um genuíno interesse pelo outro, mesmo que eu não o conheça. Por que isso é importante em tempos de crise? Porque se eu tiver um grande interesse pelo bem-estar do outro, eu vou me cuidar. Eu não vou esquecer de usar a máscara, de lavar as mãos, eu não vou aglomerar. Quando a gente está em casa, em segurança, a gente não pode esquecer que há pessoas que não têm casa, ou que há pessoas que têm casa, mas não têm o que comer. A pandemia vem trazer essa grande lição para o Brasil. A solidariedade é uma prática muito poderosa para salvar vidas. Na pandemia nenhum remédio salva mais vidas do que a minha atitude, do que o meu compromisso comigo mesmo e com todo o mundo. Eu peço gentilmente aos paraibanos e paraibanos que entrem nessa corrente de solidariedade e amizade fraterna conosco, porque eu não tenho dúvida que, fazendo isso, nós teremos um futuro melhor até a caminhada ao final da pandemia.

**PURPLE IGUANA INVESTMENTS**  
M&A | EQUITY PARTNERS  
New Office - João Pessoa - PARAÍBA  
Avenida João Carlos da Silva, 221  
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B  
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005  
Contato: +55 33 9 8884-9052 / +55 33 3254-5999



# Candidatos disputam votos de 2,9 milhões de paraibanos

Eleitores vão às urnas neste domingo eleger aqueles que devem comandar as cidades pelos próximos quatro anos



**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

Um total de 2.966.759 eleitores na Paraíba estão aptos a votar nas Eleições 2020 e hoje poderão ir às 9.715 urnas espalhadas pelo Estado para escolher, entre 12.336 candidatos, os prefeitos e vereadores que vão comandar os destinos dos paraibanos pelos próximos quatro anos. Desse total de candidatos, 632 são a prefeito e 11.170 às câmaras municipais.

Os números são do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) e, no que se refere ao leitorado, representam apenas a 2,01% do total existente no país, calculado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 147.918.483 eleitores.

Um conjunto de normas que proíbe aglomerações e que vai do uso obrigatório de máscara à orientação de que o eleitor leve sua própria caneta para votar, vem sendo estrategicamente montado



Foto: Marcos Russo

Para atender aos quase três milhões de eleitores, o TRE-PB também precisou montar uma estrutura com 9.715 urnas

pelos TRE e pela Secretaria da Saúde do Estado desde o começo do segundo semestre, quando, justamente por causa da pandemia, as eleições foram adiadas de 4 de outubro (1ª turno) para hoje, 15 de novembro.

Com possibilidade de realização de 2ª turno no próximo dia 29, João Pessoa (com 522.269 eleitores) e Campina Grande (com 285.020) formam os dois maiores colégios eleitorais do Estado, seguidos por Santa Rita (94.595), Bayeux (71.288) e Patos (63.933).

Com 14 candidatos a prefeito e 632 a vereador, a capital também lidera em quantidade de pretendentes a um cargo eletivo.

Para atender aos quase três milhões de eleitores, TRE paraibano também precisou montar uma mega-estrutura que inclui 9.715 urnas eletrônicas (1.074 delas de contingência) que funcionarão nas 8.452 seções das 68 Zonas Eleitorais espalhadas pelos 223 municípios do Estado. Juntamente com o presidente da Corte Eleitoral, desembargador Joás de

Brito Pereira, trabalharão 136 juízes, 31.597 mesários e 634 servidores, desses, 353 da própria Justiça Eleitoral, 226 requisitados e 55 estagiários.

A estrutura envolve ainda 5.063 profissionais em funções como transporte e apoio.

No total, as previsões do próprio TRE é de 42 mil pessoas em todo o processo. Os investimentos são da ordem de R\$ 15.104.709, com R\$ 8.226.811,00 para custeio e R\$ 6.877.898,00 para despesas com pessoal.

## + Todo apoio ao eleitor

O secretário de Tecnologia da Informação do TRE, José Cassimiro Júnior, ressalta que o eleitor, que não lembra mais em qual zona ou seção para onde deve se dirigir, pode encontrar facilmente essas informações na internet, seja pelo computador ou celular, mesmo que não esteja com o Título de Eleitor em mãos.

Segundo ele, existem duas opções para esta consulta: pelo site do Tribunal Superior Eleitoral ou pelo aplicativo e-Título, disponível para celulares com sistema Android e IOS. Para consultar, o local de votação pelo site do TSE é necessário acessar a página <https://www.tse.jus.br/eleitor/titulo-e-local-de-votacao/titulo-e-local-de-votacao>.

É possível fazer a consulta usando o número do título de eleitor ou o nome completo, caso o eleitor não esteja com o título no momento.

O site também pedirá informações como número de CPF, nome da mãe e data de nascimento. Pelo aplicativo, basta preencher os dados para fazer o login e após isso clicar em "Onde votar". O e-Título está disponível para download gratuito na App Store e no Google Play. "O eleitor mudou de local, mas esqueceu, pode também ir ao local onde votou pela última vez que será orientado e encontrará o novo local", completou.



Foto: Reprodução

## Eleitorado paraibano possui idade média entre 30 e 39 anos

Pelos dados divulgados pelo TSE, a faixa etária e grau de instrução do eleitorado paraibano possui idade média entre 30 e 39 anos (645.559) e ensino fundamental incompleto (730.506). Em percentuais, isso corresponde, respectivamente, a 21,76% e 24,62% do total.

E do total de cidadãos aptos a votar, 216.698 são analfabetos. O número representa 7,3%, quando observado apenas o grau de instrução do eleitor. Já referente ao voto facultativo devido à faixa etária, 42.322 têm entre 16 e 17 anos e 246.274 têm idade

superior a 70 anos, porém poderão votar nestas eleições. No recorte das faixas etárias, estes números são respectivamente 1,42% e 8,3% do valor completo (100%).

**Aproximadamente 200 transexuais e travestis puderam utilizar o nome social no título de eleitor e no caderno de votação nesta eleição**

Ainda pelos dados que tratam do perfil, 13.079 eleitores paraibanos aptos têm alguma deficiência. São elas: deficiência de locomoção (5.557 pessoas), "outros" (4.155 pessoas), deficiência visual (2.812 pessoas), dificuldade para o exercício do voto (1.848 pessoas) e deficiência auditiva (1.624 pessoas). E mais: 199 transexuais e travestis puderam utilizar o nome social no título de eleitor e no caderno de votação. A opção foi adotada pela primeira vez em 2018, quando o total desse eleitorado foi de 188 pessoas.



Foto: Marcus Antonius

Do total de cidadãos aptos a votar, 216.698 são analfabetos. O número representa 7,3%, de acordo com grau de instrução

### SAIBA MAIS

#### HORÁRIOS

**7h às 10h:** Prioridade para idosos

**10h às 17h:** Todas as idades

#### ORIENTAÇÕES AOS ELEITORES

- Título ou documento com foto
- Máscara obrigatória
- Eleitor deverá levar sua caneta
- Uso de álcool gel durante o processo
- Distanciamento social



Está em dúvida? Veja como proceder acessando o QR Code acima



Foto: Marcus Antonius

# Sistema eletrônico das eleições completa 20 anos

Das antigas cédulas até chegar ao modelo atual, o processo de votação passou por muitos desafios



**José Nunes**  
Especial para A União

Há 20 anos, pela primeira vez em todo o país, foi utilizada a urna eletrônica. Na Paraíba, naquela eleição do ano 2000, votaram 85,8% do seu eleitorado de 2.166.188, representando 1.859.309 votantes que compareceram às urnas. O pleito escolheu prefeito, vice-prefeito e representantes para a Câmara Municipal das cidades.

Com as eleições municipais que se realizam neste domingo, 35 anos depois de realizado o cadastramento eletrônico, é momento para relembra todo o processo de votação nas eleições até chegar ao estágio atual, marcado por muitos desafios, colocando em prática inovações tecnológicas que foram se aperfeiçoando a cada temporada.

Para falar sobre este período, nada melhor do que ouvir dois personagens que estiveram diretamente ligados ao processo na Paraíba, que são o secretário de Tecnologia da Informação e Comunicação do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), José Cassimiro Júnior e o empresário do ramo de tecnologia da Informática, Sebastião Ferreira Filho. Cada um, à época, juntamente com outros especialistas, emprestaram seus conhecimentos que contribuíram para, gradativamente, se implantar essa

novidade que foi fundamental ao processo democrático brasileiro.

Portanto em 1985, sete anos depois de promulgada a nova Constituição Brasileira, davam-se os primeiros passos com o cadastramento eleitoral dos eleitores em todo o país pelo Superior Tribunal Eleitoral (STE), sendo assim, aposentadas as velhas fichas e títulos amarelados.

Em 1995, era criada pelo TSE uma comissão para elaborar o projeto de Coletor Eletrônico de Votos, que faria a automação do processo de votação, com a participação de pesquisadores de vários órgãos integrando o grupo, como Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (INPE) e do Centro Técnico Aeroespacial de São José dos Campos. Um ano depois o sistema estava sendo testado em 50 municípios brasileiros, pela primeira vez aparecendo na tela da urna foto do candidato e, em 1998, esse percentual aumentou consideravelmente.

Nos primeiros momentos em que estava sendo implantado o sistema de urna eletrônica, o TSE dividiu o país em cinco polos de processamento para o cadastramento de eleitores, ficando a Paraíba como um desses núcleos para proceder

com a implantação em outros estados do Nordeste, o que foi realizado com êxito e dentro das exigências do Tribunal Superior Eleitoral.

A cada ano o TSE foi aperfeiçoando o sistema eleitoral, de modo que em 2006 a novidade estava em urnas com leitor biométrico de impressão digital para autenticação do eleitor no terminal do mesário. Outra inovação destacada por Cassimiro Júnior apareceu no ano de 2009, quando o sistema operacional apareceu foto do eleitor para conferência do mesário. Desde 2013, as versões contêm leitor biométrico de maior qualidade votação liga/desliga, que substitui a antiga forma de acionamento da urna eletrônica por meio de chave física.

Acompanhando o processo desde os primeiros instantes, Cassimiro Júnior recorda que a comissão técnica criada pelo TSE começou do zero, trabalhando e construindo a forma que melhor se adequasse. Construiu o protótipo da urna, simples, barato e confiável, tendo como base o mesmo sistema do teclado de "orelhões" de telefonia, que seria assimilável por todas as pessoas, mesmo leigas, como realmente aconteceu.

As urnas têm uma bateria que garante o funcionamento em mais de dez horas, permitindo a continuidade da votação sem interrupção mesmo na falta de energia na rede de distribuição.

Cassimiro Júnior, do TRE, afirma que todo o modelo tecnológico começou 'do zero'



Foto: Instagram

## Processo de apuração mais veloz

Quando foi concluído o cadastramento do eleitorado, surgiu o impasse quanto à totalização dos votos nas eleições de 1986. O então presidente do TRE, desembargador Josias Pereira do Nascimento mostrava-se preocupado quando a morosidade dos trabalhos, fato que acontecia em todo o país.

Foi então que entraram os conhecimentos do engenheiro civil Sebastião Ferreira Filho, que havia criado a "Simples informática", que já prestava serviços a alguns órgãos públicos e privados na Paraíba. "Foi essa preocupação que me abriu a oportunidade de realizar o trabalho", afirmou o empresário, recordando que participou do processo de licitação com o objetivo de selecionar a empresa que seria responsável por tão significativo serviço, que era a eleição para governador, senador, deputado federal e deputado estadual.

"Não posso negar que foram dias de muita expectativa, mas, ao seu término, com a publicação do resultado, tive a satisfação de ver a minha empresa, a Simples, ser selecionada para executar serviço de tamanha magnitude", disse. Ele acrescenta ter sido um grande desafio a realização daquele trabalho, e a responsabilidade foi grande na importante tarefa de entregar, através da totalização eletrônica, o resultado geral das eleições no Estado ao Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba. "Hoje vejo quanto foi grande essa responsabilidade", comentou.

Sebastião recorda que o processo de digitação dos boletins de urnas aconteceu na própria sede do TRE, onde foram instalados equipamentos interligados com a base de dados da

Simples, sediada no Distrito Industrial de João Pessoa. Um trabalho que teve o rigoroso acompanhamento dos partidos políticos e o então advogado Luciano Maia, representado um dos partidos que concorriam às eleições, havia prometido ser implacável na fiscalização das ações da empresa que estaria fazendo a totalização das eleições. Não houve nenhum questionamento, mas muitos tiveram motivos para parabenizar pela lisura dos trabalhos.

Lembra que o passo a passo da votação ainda era feito de forma manual. Terminada a votação, ao final do dia, as urnas eram colocadas em invólucros, transportadas sob um forte esquema de segurança e entregues à Comissão de Apuração, para serem apuradas e os seus resultados remetidos à equipe de informática para a totalização. Tudo era feito com apurado cuidado, revisado e chegado para evitar erros. "Nosso trabalho rendeu positivamente frutos para a política e para o processo eleitoral da Paraíba e do país", lembra.

Falando da importância do processo eletrônico de votação, Sebastião reconhece que sua empresa está inserida no contexto de modernização do sistema eleitoral do país. Ele também participou, junto ao TRE, do processo eleitoral para a escolha do presidente da República no ano de 1989. "Foi o coroamento de minha atividade profissional ter participado da totalização dessas eleições, pois se tratava da escolha do presidente da República, o mais alto mandatário do governo brasileiro", lembrou.



Foto: Divulgação

Após vários protótipos e testes que garantissem a segurança e lisura do pleito, foram feitos muitos modelos envolvendo equipe de tecnologia e informação; hoje, com a biometria, a forma de votar conta muito sobre a evolução eleitoral



Foto: Reprodução

# Mesmo tratável, Aids não tem cura e caminho é prevenção

Por ano, em média 900 pessoas recebem o diagnóstico positivo na Paraíba, de acordo com a Secretaria de Saúde

**Laura Luna**

lauraragao@gmail.com

“Who wants to leave forever?” (Quem quer viver para sempre?). O questionamento foi feito pelo astro Fred Mercury na canção que gravou quando descobriu ser HIV positivo. Na época, década de 1980, o diagnóstico era recebido como uma sentença de morte. Quarenta anos depois de registrados os primeiros casos, a percepção em relação à doença é outra. Tratamentos mais eficazes e a queda gradual do preconceito têm contribuído com um cenário mais digno para os portadores de HIV/AIDS. Mas dentro desse contexto vale o alerta: é preciso não descuidar da prevenção porque muito embora a convivência com o vírus esteja mais fácil, melhor ainda é não ter que encará-lo.

Se lá no início as pessoas evitavam até o mínimo de contato físico com quem tinha a doença, hoje já é sabido que a convivência pode e deve acontecer e que os riscos de contágio praticamente inexistem quando os cuidados são tomados. E mais, se antes nem mesmo estrelas da música e do cinema com toda a estrutura e condição financeira tinham

acesso a tratamentos eficazes, hoje qualquer brasileiro infectado pode tratar a doença de maneira gratuita através do Sistema Único de Saúde (SUS).

“Quando se iniciaram os primeiros casos da doença no Brasil, e no mundo, não existiam medicamentos eficientes que pudessem frear a multiplicação do vírus, então era muito comum esses vírus irem destruindo os anticorpos e a pessoa ficava sem defesa nenhuma para qualquer doença. Então um simples resfriado já era suficiente para matar um paciente com Síndrome de Imunodeficiência Adquirida”, (nomenclatura também usada para definir a Aids) diz o infectologista Fernando Chagas.

O médico lembra que só na segunda metade dos anos 1990 surgiram os primeiros coquetéis antirretrovirais, combinações de medicamentos que marcaram o início de uma nova fase no tratamento da Aids e começaram a fazer a diferença na vida das pessoas infectadas. “O coquetel foi uma revolução. Eles agiam ao mesmo tempo em diferentes pontos evitando a replicação viral”. Mas ainda assim a quantidade de medicamentos utili-

zados por cada paciente era grande e causava importantes efeitos colaterais, bem diferente dos tratamentos atuais. “Muita gente sofria muito com os efeitos adversos que eram intimamente relacionados às medicações. Hoje não, hoje nós temos esquemas de medicamentos de até um comprimido por dia”, comemora o especialista, acrescentando que no Brasil o tratamento mais utilizado é feito à base de dois comprimidos, que ainda assim praticamente anularam os efeitos colaterais nos pacientes.

“Utiliza-se três fármacos muito modernos em um ou em dois comprimidos de modo que depois de alguns meses a quantidade de vírus no sangue praticamente zera”. Fernando Chagas lembra que apesar da eficácia dos tratamentos não há cura para Aids. “Mesmo com a quantidade de vírus zerada o material genético do vírus ainda está presente dentro do material genético do paciente. Então se a pessoa parar de tomar a medicação aquele material genético do vírus volta a ser lido e novos vírus passam a ser produzidos, portanto hoje a pessoa vive normalmente desde que tome medicamento diário”.

Foto: Agência Brasil



Tratamentos à base de antirretrovirais contra a Aids tiveram avanços significativos nos últimos anos no Brasil e no mundo



## Sabendo conviver com a doença

Há 23 anos, José da Paz Santana foi diagnosticado com HIV/AIDS. O ano era 98 e o pintor lembra que foi a imprudência que o fez contrair a doença. “Eu tinha me separado e estava solteiro, tive relações sexuais desprotegidas e não deu outra”. Recorda. Depois de uma série de exames veio o resultado. “No dia que recebi os exames levei para minha família. Contei aos meus pais e irmãos que são meu alicerce e eles me apoiaram e me acolheram”. Pronto, para José da Paz o abraço da família foi essencial e conferiu ao paciente a força necessária para encarar os desafios que viriam, inclusive o preconceito. “Depois que recebi o apoio da família eu tive a coragem para encarar a doença e dizer para as outras pessoas que eu tinha Aids”. Muitos olhavam atravessado, disse, outros apoiaram e até hoje é assim, muito embora o entrevistado garanta que a discriminação já foi maior no passado.

No dia a dia José da Paz não descuida do tratamento, feito no hospital referência Clementino Fraga. Os exames e medicamentos oferecidos no lugar permitem que o pintor de 51 anos tenha uma vida ativa e sem

complicações. “Comecei tomando seis comprimidos e hoje tomo apenas dois à noite e me sinto muito bem fazendo o tratamento correto”. O entrevistado também ajuda outras pessoas na mesma condição, através do trabalho que desenvolve na Ong Rede Nacional de Pessoa Vivendo com HIV/AIDS da Paraíba (RNP+PB). “Na Ong eu também procuro apoiar quem está chegando, mostrando que a vida não acabou, que nós podemos viver muito bem fazendo a medicação correta e sem ligar para a discriminação”, contou.

Foto: Arquivo Pessoal



O pintor José da Paz teve apoio essencial da família

## Novos casos continuam surgindo

Depois do grande medo que a doença provocou no mundo todo o que se percebe nos últimos tempos é que parece ter havido uma espécie de romantização do problema. É possível, sim, viver muito e bem mesmo tendo contraído o vírus mas é essencial que as pessoas continuem se prevenindo para evitar o contágio. “Há um quantitativo considerável de novos casos de HIV/AIDS no Brasil. Talvez seja um dos principais países do mundo onde houve aumento de casos novos e a maneira mais eficiente de prevenção é com o uso do preservativo”, pontua Fernando Chagas.

Aproximadamente 35 milhões de pessoas vivem com HIV em todo o mundo. No Bra-

sil, são cerca de 900 mil. Na Paraíba, uma média de 900 pessoas por ano é detectada com o vírus, segundo dados da Secretaria de Estado da Saúde. Importante destacar que o Estado oferece desde preservativos, nas Unidades Básicas de Saúde em todos os municípios paraibanos, até testes rápidos e tratamentos com antirretrovirais além de medicamentos em caso de exposição a situações de risco.

Mesmo com a atenção e o tratamento disponíveis fica o alerta que serve para todos, indistintamente. “É preciso se cuidar, se prevenir para evitar a contaminação. Se é possí-

vel conviver bem com a Aids, melhor ainda é não precisar conviver com ela”, finalizou José da Paz.

Chagas: Brasil talvez seja um dos principais países com aumento de novos casos

Foto: Otílio Antonio





Fotos: Marcus Antonius



De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população da cidade de Pilar é de 11,1 mil habitantes. Hoje, a cidade vem crescendo, mas mantém a simplicidade de seu povo sempre acolhedor

# Pilar: berço e cenário das obras de José Lins do Rego

Terra onde os engenhos fizeram história, desde os tempos de vila até a emancipação, município é orgulho para a Paraíba

**José Alves**  
zavieira2@gmail.com

Com monumentos históricos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep), o município de Pilar é visto pelos seus habitantes como uma terra acolhedora e tranquila. O maior orgulho dos pilarenses é ter José Lins do Rego - um dos maiores escritores da literatura brasileira - como seu filho mais ilustre. Pilar é uma cidade agrícola que tem como fonte principal de economia seu próprio comércio. Emancipada no dia 14 de setembro em 1958, fica a 65,5 Km de João Pessoa. Seu Produto Interno Bruto (PIB) gira em torno de R\$ 43 milhões. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 a população de Pilar era de 11.191 habitantes.

Um dos pontos altos da antiga vila, já que desde sua descoberta, em 1630, era vista na região Nordeste como uma cidade próspera, foi ter recebido no ano de 1859, a visita do imperador Dom Pedro II. Ele ficou hospedado por dois dias na Casa de Câmara e Cadeia, antigo Engenho Corredor e atualmente Fundação Menino de Engenho. Por sua influência econômica e histórica, o imperador concedeu à sociedade pilarense o tradicional beija-mão.

À época, o município era extenso e a comarca de Pilar se estendia até o município de Pombal, no Alto Sertão. Até um determinado período, segundo o professor e historiador Lucimar Augusto, a cidade de Campina Grande era tida como distrito de Pilar. Mas com o tempo, mesmo Pilar tendo um vasto território, foi iniciado o desmembramento das terras, quando todos os municípios passaram a se emancipar.

## Um mergulho no rico patrimônio da cidade



■ Do Engenho Corredor, onde nasceu o escritor paraibano, passando pelo Coreto e pela Igreja Matriz, Pilar vem tecendo sua trajetória inspiradora, notória para quem a visita

No dia 3 de julho de 1901, Pilar dá berço a um dos maiores escritores da literatura brasileira, José Lins do Rego. O escritor que também foi cronista, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras, nasceu no Engenho Corredor e faleceu em 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro, aos 56 anos. O romancista publicou seu primeiro livro, Menino de Engenho, em 1932, que se tornou grande sucesso, e no ano seguinte, publicou Doí-dinho (1933), quando residia em Alagoas.

Em 1935, já instalado no Rio de Janeiro, voltou a escrever para jornais e foi secretário da Confederação Brasileira de Desportos (1945 - 1954). No ano de 1936, publicou Histórias da Velha Totônia, seu único livro infantil. Suas obras começaram a ser traduzidas em vários idiomas. O romance Fogo morto (1942) é reconhecido como sua obra-prima.

### Cidade Educadora

Em 1999, Pilar é entra como membro da Associação Internacional das Cidades Educadoras, com sede em Barcelona. O município conta atualmente com mais de 10 pontos turísticos, o que faz com que a região receba estudantes e pesquisadores de todas as partes do Brasil. O primeiro ponto do roteiro de visitas é a antiga Casa de Câmara e Cadeia - Engenho Corredor, atualmente Fundação Menino de Engenho, onde nasceu o escritor José Lins do Rego.

O local foi fonte de inspiração para o livro "Menino de Engenho" e também serviu como ponto de hospedagem para o imperador Dom Pedro II. O Coreto da Praça José Lins do Rego, a Igreja Matriz

de Nossa Senhora Del Pilar, que tem mais de 300 anos, além da Estação Ferroviária, já desativada, são locais tombados pelo Iphaep e fazem parte do roteiro de pontos turísticos da cidade.

A Estação Ferroviária de Pilar é um dos cartões postais da cidade, e sempre foi muito citada nos livros de José Lins do Rego. A Fazenda Independência é um dos pontos do turismo rural. Além da Praça José Maroja, que fica em frente à Igreja Matriz, outra praça famosa da cidade é a Praça José Lins do Rego, que ostenta em seu espaço, o busto do escritor.

### História

Pilar recebeu status de vila em 14 de setembro de 1758. Porém, o povoamento do município foi iniciado em fins do século XVII, quando um grupo de holandeses tinha fazendas de criação de gado. Em 1670, jesuítas chegaram ao local para catequisar os índios. Os religiosos eram comandados pelo capuchinho italiano frei Francisco Antônio Maria de Modena.

Ele foi o responsável pela construção da igreja no estilo barroco, que foi nomeada de Convento de Nossa Senhora de Pilar. Logo após a construção, em seu entorno, formou-se um povoado que foi batizado com o nome de Aldeia de Pilar. Na época, a população era constituída, principalmente, por garimpeiros, que para ali se deslocavam em busca de ouro.

Em 1758, com a suspensão da indústria aurífera, a cana-de-açúcar se transformou na principal atividade econômica da região. A produção açucareira trouxe grande prestígio para Pilar, em virtude dos inúmeros engenhos existentes.



Foto: Divulgação

# Nêumanne passa o Brasil a limpo através de entrevistas

## Jornalista paraibano compila mais de 70 conversas com nomes de destaque em diversas áreas da sociedade

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

Durante dois anos, o jornalista, escritor e poeta paraibano José Nêumanne Pinto publicou, originalmente, 71 entrevistas semanais no *Blog do Nêumanne*, na plataforma virtual do *Estado*. Quase a integralidade desse material se transformou em dois volumes do livro *Nêumanne Entrevista: o Brasil passado a limpo em mais 35 dedos de prosa*. A ideia surgiu a convite da Almedina, com o intuito de comemorar os 70 anos de existência da matriz da editora, originalmente criada em Portugal.

“Eu tive que rifar uma entrevista”, disse o autor para o jornal A União, justificando que agiu assim para se adequar ao projeto, que agora ele mantém no seu canal no YouTube. “O prefácio é do meu colega Heródoto Barbeiro e a apresentação é da minha mulher, Maria Isabel de Castro Pinto, que é neta de um dos revolucionários de 1930 na Paraíba, Ageu de Castro. Como o tamanho das entrevistas é variado, o volume 1 tem 348 páginas e o 2 possui 368”, informou José Nêumanne.

A ideia de começar a série surgiu quando o paraibano ouviu de sua esposa,

quando se encontravam na padaria Aracaju (SP), a sugestão de entrevistar Paulo de Tarso Venceslau, sobrevivente do sequestro do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Elbrick (1908-1983), ocorrido em 4 de setembro de 1969, no Rio de Janeiro, no contexto da radicalização da esquerda revolucionária durante a vigência do regime militar (1964-1985).

“A lista dos entrevistados é eclética e o resultado final, atingido graças à ideia do editor Marco Pace, com quem já tinha trabalhado na Girafa Editora, permitiram-me ter uma amostra razoável de que, mesmo no ambiente de conflito, estupidez, ignorantismo, obscurantismo e sectarismo em que afundou a política e a vida em sociedade, ainda é possível transmitir ao leitor a experiência de profissionais da política, das artes e dos esportes com verve, graça e, sobretudo, amor. Isto já é, em si, um grande feito. E também uma nesga de luz, um mínimo raiozinho de esperança de que ainda restará um mundo digno de ser vivido por nosso filho, Artur, que tem um ano e cinco meses, começar a viver o segundo ano de sua vida no advento desta nova obra”, afirmou Nêumanne, que também é pai de Vladimir, Clarice e Cecília, todos já adultos.

No primeiro volume estão entrevistas realizadas com pessoas de distintas áreas de atuação na sociedade. O autor exemplificou, por exemplo, os nomes do ex-ministro do Trabalho, Almir Pazzianoto; a senadora Mara Gabrilli; o ator Juca de Oliveira; o economista e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Edmar Bacha, criador do Plano Real em 1994, durante o Governo do

presidente da República, Itamar Franco (1930-2011); o mentor do padrão Globo de qualidade a Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (mais conhecido como Boni); o jornalista Augusto Nunes; os paraibanos Ipojuca Pontes, ex-secretário Nacional da Cultura no Governo Fernando Collor de Melo; e o Paulo Melo, que atuou na área de cineclubes; além da historiadora Mary del Priore e dos ex-jogadores de futebol Afonsinho e Zico.

No segundo volume estão alguns outros, como a escritora Marina Cola-

santi; a bióloga Mariana Zatz; a juíza Denise Frossard; o jornalista Gaudêncio Torquato e outros dois paraibanos: o poeta Astier Basílio e o artista plástico Chico Pereira.

“As entrevistas eram feitas, basicamente, por escrito. Eu elaborava 10 perguntas e mandava para as pessoas. Eram abordados temas referentes à própria área de atuação de cada um, mas também assuntos que estavam acontecendo naquele momento, como as eleições de 2018, que foi uma temporada muito fértil”.

O único entrevistado que José Nêumanne não mandou as perguntas por escrito foi o Zico, cuja conversação aconteceu em vídeo, pois o jogador estava, na época, de mudança para o Japão. “Ele é o meu ídolo, porque eu sou flamenguista”, confessou o autor.

José Nêumanne Pinto informou que retomou o projeto em agosto deste ano e, desde então, vem publicando, sempre aos sábados, a partir das 17h, em seu canal no YouTube, *Direto ao Assunto*, uma entrevista previamente gravada.

Ele explicou que capta as imagens de cada entrevistado no aplicativo Zoom e conta com o apoio da sua esposa, Isabel, que é doutora em história econômica. Depois, posta o material para que os internautas assistam. “Eu não tinha mais tempo de fazer as entrevistas por escrito e comecei a dominar a linguagem do canal e ficou mais fácil”, explicou ele, ao justificar a razão de ter suspenso o uso da plataforma virtual do *Estado*.

No *Blog do Nêumanne*, o jornalista que continua publicando seus artigos de segunda a sexta-feira, período durante o qual também divulga, sempre a partir das 7h30, seu comentário

no *Jornal Eldorado*, da Rádio Eldorado, além de utilizar suas redes sociais.

Apesar da pandemia, Nêumanne não descarta a possibilidade de um lançamento presencial na Paraíba no futuro, quando o quadro estiver melhor. Os dois volumes de *Nêumanne Entrevista: o Brasil passado a limpo em mais 35 dedos de prosa* podem ser adquiridos no site da Editora Almedina, no qual o preço original, que era de R\$ 89 cada livro, caiu para R\$ 44,50.

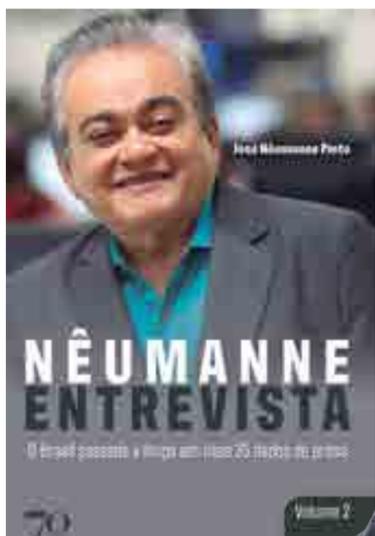
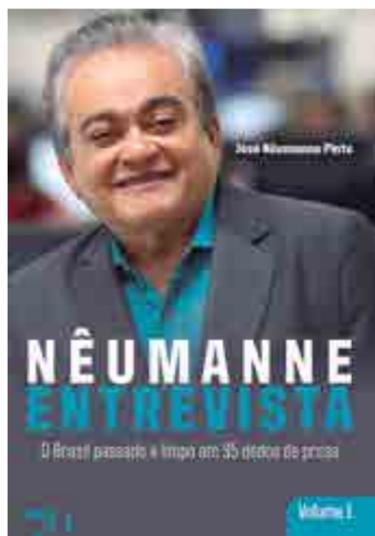
/// As entrevistas eram feitas, basicamente, por escrito. (...) Eram abordados temas referentes à própria área de atuação de cada um, mas também assuntos que estavam acontecendo naquele momento //



Através do QR Code acima, acesse o canal 'Direto ao Assunto' no YouTube



Através do QR Code acima, acesse a página oficial da Editora Almedina Brasil



Imagens: Divulgação

No primeiro volume, estão entrevistas com nomes como o ator Juca de Oliveira, o jogador Zico, o economista Edmar Bacha e os paraibanos Ipojuca Pontes, ex-secretário da Cultura no Governo Collor, e Paulo Melo, que atuou na área de cineclubes; já no segundo, estão nomes como a escritora Marina Colasanti, a bióloga Mariana Zatz e a juíza Denise Frossard



Foto: Felipe Rau/Estado Conteúdo

## Próxima obra do paraibano será seu quarto livro de poemas

O escritor e jornalista José Nêumanne Pinto reside em São Paulo e vem mantendo o distanciamento social desde março, quando foi iniciado o período de quarentena no Brasil, por causa da pandemia. Não é à toa, pois existem razões para se resguardar. “Tenho 69 anos de idade, sou

diabético e cardíaco”, enumerou ele, enquadrando-se no grupo de risco para a doença. Porém, ele tem aproveitado o tempo para continuar produzindo. “Estou na fase final de um livro de poemas intitulado *Antes de atravessar*, que está com 90% pronto”, afirmou o autor, que também é membro

da Academia Paraibana de Letras (APL), no qual ocupa a cadeira número 1, de Augusto dos Anjos (1884-1914).

Nêumanne apontou que esse novo livro será o quarto de poesia, pois já lançou as obras *As Tábuas do Sol*, *Barcelona*, *Borborema* e a coletânea *Solos do Silêncio*. “Estou

devendo um romance nordestino a Nélida Piñon, que eu também entrevistei para a série que se transformou em livros. Eu me lembro da estreia de Nélida na literatura, quando ela publicou pelas Edições GRD – de Gumercindo Rocha Dorea, que atualmente está com mais de 90 anos de

idade – o livro *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo*. Conheci essa obra em 1967, quando tinha 16 anos e era presidente do Cineclubes Glauber Rocha, em Campina Grande, e consegui manter correspondência com ela, ao longo do tempo”, relembrou o jornalista e escritor paraibano.

## O homem e a máquina

Não é preciso muito para perceber que os argumentos que usamos para diferenciar os seres humanos dos animais são basicamente os mesmos que usamos em relação às máquinas, sejam elas “inteligentes” ou não. Na música ‘Cérebro Eletrônico’ – gravada em 1969 – Gilberto Gil diz que, apesar do tal cérebro eletrônico comandar tudo, só Ele (Gil, na condição de humano) é capaz de chorar, de se interrogar sobre a existência de Deus, decidir se quer continuar a viver e perceber que é um ser fadado à morte.

A autoconsciência, o livre-arbítrio e a capacidade de se emocionar seriam atributos essencialmente humanos, coisas que o “cérebro eletrônico” não teria. Bem, essa separação parece ficar um pouco complicada quando pensamos nas possibilidades que se apresentam com a Inteligência Artificial.

O cinema e a ficção científica devem ajudar nesse ponto. Quem viu *Blader Runner* (1982), do diretor Ridley Scott, provavelmente se lembra de uma de suas cenas mais emblemáticas envolvendo o androide replicante Roy Batty que, ao se encontrar com seu criador, o Dr. Eldon Tyrell, pede para que prolongue a sua vida.



Em ‘Blade Runner’, replicante Batty (E) é consolado pelo seu criador, o Dr. Tyrell (D)

Foto: Divulgação

A classe de androide Nexus-6 da qual Roy Batty faz parte foi programada para durar apenas quatro anos. Batty, como nós humanos, tem consciência de sua própria finitude, sente angústia e deseja sofregamente continuar a viver. Dr. Tyrell responde que é impossível fazer isso, que ama sua criação, mas que qualquer alteração dessa natureza num sistema orgânico como dele seria fatal. Ele afirma ainda que não poderia tê-lo projetado de outro modo, pois não saberia como.

Essas palavras não são bem recebidas por Batty que retruca dizendo que se o doutor realmente o amasse, o teria feito para viver eternamente. Trata-se de um encontro entre criador e criatura. É como se estivéssemos face a face com Deus reivindicando a eternidade. O problema é que esse Deus se demonstra frágil, longe de ser onipotente; o que fica mais claro quando Batty esmaga o seu cérebro. Ele “em nada” se difere dos seres humanos. É um ser que tem consciência da finitude, que ama, sente raiva, tem aspirações, memórias, desejos e que pode fazer escolhas.

Androides desse tipo (não é improvável que possam vir a existir) borraríamos, em definitivo, as fronteiras entre os humanos e as máquinas.

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

### Viajando com Virgílio

Nunca me tinha acontecido sonhar com uma personagem de um livro. Não sonhei com Gabriela, de Jorge Amado, mas poderia ter ajudado Dona Flor a se livrar dos dois maridos, um morto e o outro com o pé na cova. De Jorge Amado só gosto de *Pais do Carnaval* (1931) e os *Capitães de Areia* (1937).

Muitas personagens estão a rondar nossa cabeça durante, regressando de tempos a tempos de um pensamento ou no intervalo de uma frase numa conversa. Eu sou apaixonado por Adriano, a obra-prima de Marguerite Yourcenar.

Dizem, que escritores vivem entre a ilusão e a simples armadilha de marketing, de que se apaixonam por personagens que criam, sofrendo quando terminam o livro. Faz sentido. Marguerite Yourcenar deve ter ficado em prantos quando acabou de escrever *Memórias de Adriano* (1951), um dos livros mais belos que li.

Lembro de leitores assombrados me perguntando sobre personagens citados ou criados por mim em crônicas, por figuras de ficção, por pessoas inventadas, como a Tresloucada Europeia, vivendo uma existência frágil e ao mesmo tempo contendo em si possibilidades de eternidade. Puxa vida! Essa palavra eternidade nos persegue...

Talvez haja leitores desse tipo, e se assim for já terão sido criados por Jorge Luís Borges, o escritor dos leitores improváveis – ainda que nunca tenham sido passados às páginas de um livro. Borges é fatal. Ou Rubem Fonseca, o maldito autor de *O Cobrador* (1979).

Pela primeira vez aconteceu. Acordei com o desejo nos lábios, o perfeito reverso que se sente ao despertar. Sei que a ficção pode deixar marcas invíveis, jamais duradouras, mas não pensei que pudesse mergulhar de forma tão intensa atravessando o rio que separa o sono da vigília.

Eu estava a viajar com Virgílio à procura de Beatriz numa jornada onírica? Já fui bom nisso. A morte não será um sonho no qual se perde quem nos ama? Deitar a cabeça, deixar que o sono transporte o espírito para cenas desconhecidas, cair no discreto do sonho. Sei lá. E sonhar. um sonho impossível, ou perder o encanto no esquecimento.

No meio da noite, Beatriz apareceu. Ela veio ao encontro do K e não de Virgílio, para pedir a sua intervenção. Corpo quente, jovem e repleto de promessas. Nunca um convidado tinha entrado de forma tão intrusiva na mais reclusa intimidade a que temos direito.

Li teorias psicanalíticas que dizem que todas as figuras que dançam conosco nos sonhos são projeções do Eu, confrontando-nos, revelando o que na realidade somos. Não sei se acredito, e se precisasse de prova irrefutável para acabar com a dúvida, poderia dizer que não era Beatriz, ao dar de cara a personagem Joana, do *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector. Sim, Joana, menina criada pelo pai, já que a mãe, Elza, morreria muito cedo. Joana que ela vai morar com a irmã de seu pai. A tia não gosta de Joana, pois a presença da menina a sufocava e a enviou para um internato, lá ocorre uma paixão avassaladora por seu professor mais velho.

Um ponto culminante que a enviou para o internato foi dias antes acompanhando a tia às compras, como um teste para si mesma e causa espanto aos outros, Joana roubou um livro, trazendo mais dificuldades à sua convivência com a família da tia. Joana seria a menina que roubava os livros de Markus Zusak?

Joana que amava Clarice, que amava o K, casa com Otávio, fica grávida e eu não sei o nome do bebê. Sei que ela descobre que o marido tem uma amante, Lívia, que estava também grávida. Já viu, né? Afinal o que Joana queria comigo na encarnação imaginada, mesmo que de aparência sonhada – do narrador K?

No meu sonho, eu teria as duas, Beatriz da canção de Chico Buarque, e Joana, a Louca, Rainha de Castela que passou a vida arrastando o caixão do marido Filipe de Habsburgo, o belo, pelas ruas da Espanha. É muito delírio. Eu sei.

#### Kapetadas

1 - Pólvora é o que a gente mais tem, né, comadre Jória Guerreiro?

2 - Por onde anda a vacina russa?

3 - Sempre lembrando antes de amar o próximo termine com o atual.

4 - Som na caixa: “Procurando bem/ Todo mundo tem pereba/ Marca de bexiga ou vacina”, Chico Buarque.

### Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## Cicatrizes do passado

O jornalista e escritor uruguaio Eduardo Hughes Galeano (1940-2015) sempre repetiu nos seus discursos que para entender o presente é necessário analisar o passado que construiu o presente no que é atualmente. Galeano afirmou que a cultura é um fenômeno em constante evolução, ela é construída por representatividades anteriores ao presente, e para compreender a identidade de um país, deve existir um esforço para preservar as iconografias construídas no passado. Sabe-se que a cultura é o que define um país. Nesse contexto, a Espanha assumiu uma revisão histórica em relação à própria cultura. A sua geração de intelectuais de 1927 foi marcada pela Guerra Civil espanhola, de 1936, durante a ditadura do general Franco. Naquele período, os intelectuais espanhóis foram perseguidos, torturados e assassinados, nesse genocídio estiveram estes intelectuais: Pedro Salinas, Jorge Guillén, Gerardo Diego, Federico García Lorca, Vicente Aleixandre, Dámaso Alonso, Rafael Alberti, Emilio Prados, Luis Cernuda e Manuel Altolaguirre. Essa geração de 27 refere-se a um grupo de intelectuais que nasceram entre 1891 até 1910. O nome dessa geração deve-se ao ato de homenagem de 1927 realizado no Ateneo de Sevilla, comemorando os 300 anos da morte do poeta barroco Luis de Góngora y Argote (1561-1627), considerado por eles como um escritor espanhol de ‘pura poesia’.

No ano de 1936, a Espanha sofreu o golpe de Estado que deu início à Guerra Civil, e esse terror destruiu uma geração de filósofos, cientistas e artistas. Naquela época o grito de ódio foi: “Morrão os intelectuais!”. Oitenta e quatro anos depois, algumas feridas estão cicatrizadas. As contribuições para reconstruir a identidade da Espanha está sendo realizada através da Biblioteca Nacional espanhola e o seu objetivo foi construir um índice de autores desaparecidos daquela geração, porque muito se perdeu. A humanidade precisa preservar as contribuições dos intelectuais que foram perseguidos, torturados, assassinados e desaparecidos em vários países. Hoje, os direitos autorais desses intelectuais passam a domínio público e o mundo precisa conhecê-los, porque as suas contribuições permitem construir a justiça social, a dignidade do cidadão, o desenvolvimento da ciência e tecnologia. Sabe-se que as contribuições dos intelectuais é o maior patrimônio de um país e fortalece a paz mundial.

O violoncelista e maestro espanhol/catalão Pablo Casals I Defiló (1876-1973), através de sua arte, representou a vitória da democracia diante dos regimes



Violoncelista e regente Pablo Casals I Defiló (1876-1973)

Foto: Divulgação

autoritários, em especial contra o general Franco. Pablo Casals foi defensor do governo republicano espanhol e depois de sua derrota ideológica, ele só voltou para a Espanha depois da restauração da democracia. Ele sempre recusou a se apresentar em países que reconheciam o governo autoritário de Franco. No exílio, Pablo Casals usou o seu violoncelo para denunciar a loucura e perversidade do autoritarismo político. O seu nome está imortalizado nos títulos de concursos internacionais e festivais de música erudita para violoncelo.

Pablo Casals, aos seis anos, apresentou-se em público ao violino, depois dedicou-se ao violoncelo. Quando adolescente, ele fez seu primeiro recital solo e ocupou um lugar – uma estante – na Orquestra Sinfônica de Paris, ainda muito jovem, ele assumiu a primeira estante na Orquestra de Barcelona e o cargo de professor. Aos 23 anos, iniciou sua carreira internacional. O seu primeiro concerto que regeu foi em 1920. No início da década de 1960, ele recebeu os mais relevantes prêmios e fez uma antológica apresentação na Casa Branca. Pablo Casals, em 1963, recebeu dos EUA a Medalha Presidencial da Liberdade. No ano de 1971, aos 93 anos, realizou uma apresentação nas Nações Unidas, e, nesse evento, ele recebeu a Medalha de Paz das Nações Unidas. Em 1973, Pablo Casals conduziu a Orquestra de Jovens e a Sinfônica de Jerusalém. Seu último concerto foi com a Orquestra de Jovens. Ele morreu em 1973, aos 96 anos, com complicações de um ataque cardíaco. Após seu falecimento, em 1976, foi homenageado pelo governo espanhol. Pablo Casals recebeu o Grammy e foi condecorado por construir a paz entre as nações e o hino das Nações Unidas é de sua autoria.

A Espanha, nos últimos anos, tem preservado as contribuições dos seus intelectuais que foram torturados e assassinados, entre esses está o poeta e dramaturgo espanhol Federico Garcia Lorca (1898-1936), que participou da Geração de 1927. No ano de 1936, ele foi fuzilado durante a Guerra Civil Espanhola. Sua lírica incorporou temas e recursos poéticos das canções populares espanholas, a cultura cigana andaluza, o barroco de Góngora e o surrealismo.

#### Ar de noturno

Poema de Garcia Lorca

*Tenho muito medo das folhas mortas, medo dos prados cheios de orvalho. eu vou dormir; se não me despertas, deixarei a teu lado meu coração frio.*

*O que é isso que soa bem longe?*

*Amor. O vento nas vidraças, amor meu!*

*Pus em ti colares com gemas de aurora. Por que me abandonas neste caminho? Se vais muito longe, meu pássaro chora e a verde vinha não dará seu vinho.*

*O que é isso que soa bem longe?*

*Amor. O vento nas vidraças, amor meu!*

*Nunca saberás, esfinge de neve, o muito que eu haveria de te querer essas madrugadas quando chove e no ramo seco se desfaz o ninho.*

*O que é isso que soa bem longe?*

*Amor. O vento nas vidraças, amor meu!*

Na extensão desse texto, sintase convidado para a audição do 293 Domingo Sinfônico, deste dia 15, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição vamos conhecer o regente e violoncelista Pablo Casals, que vai interpretar peças do barroco e da segunda fase do Romantismo alemão.

## Cinema

**Alex Santos**

Cineasta e professor da UFPB | colaborador



Atores Ricardo Moreira e Arthur Luna no 'remake' de um clássico do cinema, 'Poltrona Rasgada'

Foto: Divulgação

## Cinema e memórias são valores representativos

O cinema paraibano sempre se pautou nos feitos de seus pioneiros. Isso desde os tempos de Walfredo Rodriguez no plano do documentário, ou muito antes, com Nicola Maria Parente em sua performance de "alma de artista e visionário", trazendo para a Parahyba, ainda nos fins do século 19, o revolucionário cinematógrafo, como umas das atrações da Festa das Neves.

Certamente, jamais seria justo ver esse cinema de tantas e importantes memórias só com base nos feitos atuais, ou apenas só a partir de *Aruanda*, olvidando os reais esforços daqueles que abriram veredas para os nossos caminhos, literalmente "manivelando" uma fantasia de luzes e sombras.

Afirmo isso, em razão das decepções que tive com a maioria dos meus alunos, quando indagados sobre o pioneirismo do nosso cinema, sobre o qual nada ou quase nada conheciam a respeito. O que é deveras grave para uma juventude hoje militante no campo do

audiovisual (e até em cinema), sem conhecer-lhe as verdadeiras origens.

Sempre tenho afirmado que, se considerarmos as coisas pelo curso das memórias, é muito mais fácil se aquilatar os feitos do presente. A história do cinema paraibano é tudo, como referência às práticas atuais. E não sem razão, tenho parceiros que comungam dessa compreensão, igualmente atinados a se preocuparem com a nossa Memória Cultural. Amigos tais, com quem tenho mantido diálogos atilados na construção de alguns trabalhos, sobretudo em razão da nossa capital, sua estética urbana e figuras humanas singulares.

Quando da realização de *Antomarchi*, em 2010 – em que dividi anseios de valorização sobre a nossa urbe, seus enredos e cenografias, com o parceiro Mirabeau Dias –, traçamos o relato intrigante de um personagem revivendo um passado cheio de nuances existenciais. Iniciava-se ali, a rigor, uma trilogia que passaria por *Américo – Falcão Peregrino*, alguns anos depois, concluída agora com o *Poltrona Rasgada* (lançamento previsto para ainda este ano). Esses dois últimos trabalhos com o aporte de conhecimentos de dois nobres parceiros, também zelosos das coisas do cinema e da cidade em que vivemos.

Igualmente escritores, não menos "cinemistas" como eu, Manoel Jaime Xavier e Moacir Barbosa de Sousa abraçaram o projeto da *Poltrona...* Não apenas pelo registro de um evento até hoje aceito como verídico, ocorrido em uma importante sala de projeção de João Pessoa, havia mais de 60 anos, mas pela repercussão que teve socialmente na época, quando a *movie-art* era considerada o *grand début* cultural da época.

Pois bem, todo esse relato é para lembrar que, quer se queira ou não, nossas raízes são representativas para o que hoje construímos. Se assim não fora, que importância teria a História dos povos? – Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).



## Fest Aruanda a todo vapor...

Academia Paraibana de Cinema (APC), parceira que é do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, apoiou e registra importante live coordenada pelo professor Lúcio Vilar, acadêmico da APC (cadeira 24), debate em que teve a participação do escritor mineiro Fernando Morais.

O encontro serviu para se discutir sobre "Literatura que virou Cinema" e o sentido das adaptações de obras do escritor, entre elas *Corações Sujos*, *Olga*, *Os Últimos Soldados da Guerra Fria* e *Chato - O Rei do Brasil*, filme este focado nas realizações do paraibano Chateaubriand Bandeira de Mello, precursor da televisão no Brasil.

## Seleção nacional para patrocínio a feiras e ações literárias está aberta

A iniciativa 'Petrobras Cultural para Crianças' lançou seleção para patrocínio a projetos de feiras e ações literárias. As ações devem ser voltadas para o público infantil, com ênfase na primeira infância, que vai até os seis anos. No total, a companhia pretende investir R\$ 2 milhões em iniciativas com esse perfil.

As inscrições para a seleção são gratuitas e devem ser realizadas através do site oficial da instituição ([www.petrobras.com.br/cultura](http://www.petrobras.com.br/cultura)) até o dia 8 de janeiro.

Além das feiras, serão recebidos projetos para jornadas literárias, bienais de livros, festas literárias, eventos de quadrinhos e outros formatos que possibilitem reunião

de editores e livreiros para exposição de livros. Os projetos também devem proporcionar a presença de autores, mesas de autógrafos, espaços para mesas de debate, de discussão e fóruns de temas ligados à área do livro e programação para o público em geral, com atividades voltadas à mediação e incentivo à leitura. Os eventos poderão ser realizados em qualquer cidade do Brasil como também digitalmente.

"Nossa intenção é que os projetos possam despertar a curiosidade do público infantil para o mundo dos livros e, assim, transmitir conhecimento tão importante nesta etapa do desenvolvimento", afirmou o diretor de Relacionamento Institucional e Sustenta-

bilidade da Petrobras, Roberto Furian Ardenghy.

Diversas pesquisas reforçam que na fase da primeira infância – que vai de zero até os 6 anos – se desenvolvem as habilidades cognitivas fundamentais que vão durar para toda a vida. Além disso, o cérebro da criança tem um enorme poder de absorção, sendo território fértil e aberto para as práticas artísticas, educativas e culturais. Assim, investir na Primeira Infância é possibilitar a evolução de competências essenciais para uma criança, tendo em vista que nessa fase são vividas experiências e descobertas que são levadas para o resto da vida e podem transformar realidades.

A iniciativa 'Petrobras Cultural para Crianças' já

lançou neste ano duas chamadas para recebimento de projetos: uma para artes cênicas e uma para animação infantil. Os projetos de artes cênicas já foram divulgados e começam a acontecer no início de 2021. Já as animações infantis selecionadas serão divulgadas ainda em novembro.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Petrobras Cultural

## Letra Lúdica

**Hildegardo Barbosa Filho**

[hildegardobarbosa@bol.com.br](mailto:hildegardobarbosa@bol.com.br)

## Poemas na mesa

*Poemas na mesa*, só para lembrar um dos títulos de Otto Maria Carpeaux. Com isto, quero registrar uma das experiências que mais me cativa, me conforta e me alegria. Refiro-me aos livros que me chegam pelos Correios, vindos dos mais diversos pontos do país. Isto vem acontecendo desde os idos de 80 do século passado, naquele ritmo característico dos fenômenos ordinários e extraordinários com os quais se tecem as malhas surpreendentes do cotidiano e da rotina. E a cada envelope que abro como que revivo a possibilidade de me deparar com um novo autor e uma nova expressão. E lá se vão mais de 40 anos!

Hoje farei um recorte e me fixarei em alguns poetas do Rio Grande do Norte, não para exercitar rigorosamente a análise crítica (este não seria o espaço adequado), mas para, num diálogo entre pares, ressaltar alguns traços que se elucidam nesta ou naquela dicção. Meu desejo é simplesmente contribuir no sentido de dar visibilidade aos nossos vizinhos e sinalizar, dentro da medida do possível, para a poeticidade que sustenta cada voz e cada expressão, seja nesta ou naquela vertente cultural e estética.

De Márcio de Lima Dantas, professor da UFRN, tenho, aqui, dois títulos: *Metáfrase* (1999) e *Rol de feira* (2016). Chama-me a atenção, em ambos, as marcas visíveis de uma poética da leitura, muito embora perceba-se a diferença de tom e de perspectiva de um livro para outro.

O primeiro não teme a flexibilidade do verso, a força discursiva da palavra, a explicitação dialógica com outras dicções certamente integradas ao repertório didático e pedagógico que o olhar poético aproveita e problematiza. Os poemas que leem outros poetas constituem o melhor exemplo. O segundo aposta no verso medido, curto, contido, dentro da tradição cabralina que, não raro, sufoca seus epígonos. Claro, não é o caso de Dantas, como bem comprovam poemas como *Sinuca*, *Cismas noturnas*, *Casa sertaneja* e *Cigana*.

De Carlos Peixoto, jornalista, leio *Desejo de ser inútil* (2018), coletânea de haicais. O título me parece perfeitamente funcional, pois, em sua dimensão catafórica, já expõe o veio irônico de suas mônadas poéticas, ainda que, aqui e ali, o lirismo se infiltre pelo miolo dos versos. Vou dar dois exemplos: "na pedra dura / o musgo tece delicada / assinatura" e "dia chuvoso / na casa ecos tristes / - são goteiras".

Se o haikai tem algo de uma "metafísica instantânea", preservando, portanto, uma fisgada filosófica, Peixoto sabe isso como poucos. Em muitas de suas peças, se a emoção se ativa, é o pensamento, e pensamento crítico, que dá as cartas. No seu poder de revelação, no critério de sua sabedoria.

De Sérgio Queiroz de Medeiros, mossoroense radicado em Natal, estou com a coletânea de poemas *Gaurdados* (2019). Sem se prender a temas específicos, embora as coisas memoráveis predominem, o poeta aposta na variedade de motivos, exercitando uma dicção lírica simples, despreziosa e presa a certas situações do passado e dos afetos íntimos, a seu turno, abordados com leveza e densidade.

O poema/título, à página 28, possui o ar de profissão de fé e contém versos de sugestivos efeitos estéticos, como estes: "Guardo comigo a tristeza / e os meus melhores poemas. (...) A página oitenta e um / diz muito sobre mim. // Verifique se pode encontrá-la / junto ao seu distribuidor local".

Somado a textos, como *Casulo*, *Poema humilde*, *Poesia*, *Preço escrever versos* e *Um novo verso*, vai constituir o lastro metalinguístico da coletânea. Mas, no fundo, o melhor dessa poesia está na memória, que também é imaginação. Leia-se o bem elaborado poema *Chuva gentil*, como ilustração referencial: "Uma chuva gentil / começa a cair / e parece trazer / o que não existe mais. // Parece que a chuva vai trazer meu avô, / a antiga mercearia / e os homens de chapéu // Vai trazer outra chuva / que chovia em Mossoró / e chamava as crianças / para tomar banho de bica. // A chuva vai trazer / bolhas para os pés / que corriam descalços / no campinho da praça. // É possível escutar, / uma chuva gentil / começa a cair".

De Alexandre Alves, professor da UERN e estudioso da poesia potiguar, compulso sua obra de estreia, *Ossos da urbe* (2020), segundo lugar no Prêmio Othoniel Menezes, promovido pela Funcarte, Prefeitura de Natal, 2019.

A verve crítica e o distanciamento irônico presidem a fotografia antilírica da cidade em cada poema, a bem dizer, espécie de macrotexto com motivo único. A cidade, aqui, tem suas referências concretas, porém, me parece, sua força simbólica se projeta mais a fundo enquanto geografia minada por contradições e desencontros.

Não só os ingredientes do espaço são representados de maneira disfórica. O próprio tempo, "tempo turvo", a própria época, mimetizada em suas manchas consumistas e reificadas, recorre como componente central do dispositivo poético. Para me valer de um título de um dos haicais, que compõe a segunda parte do livro, diria que há uma "dialética negativa" configurando sua visão de mundo.

No trato da linguagem, Alexandre Alves, inquieto e inventivo, procura sondar as possibilidades do idioma, tentando, aqui e ali, construções ousadas e estranhamentos expressivos que renovam o território das experiências estéticas, a exemplo do que observo nestes versos colhidos ao acaso: "(...) e um sol puro / à espera de um milagre / em pânico"; "(...) em breve deixarei os muros de lado / derrubados pelos dentes caninos / do vento norte" e "(...) tatuam-se ácidos hiatos / na pele abandonada / daquela rua ordinária / ordinária ordinária / mas sua e minha".

Certo hermetismo no jogo da versificação, acidez na captação do mundo, consciência crítica das palavras, poder reflexivo, emoção que pensa, eis, em síntese, o que vejo em *Ossos da urbe*.

# Aquabike, a nova opção de lazer esportivo em Cabedelo

Modalidade multiesportiva, que surgiu nos Estados Unidos, já vem sendo praticada nas praias do Poço e de Jacaré

**Helena Gomes**  
Especial para Jornal A União

**Iago Sarinho**  
iagosarinho@gmail.com

O Aquabike ou bicicleta aquática é uma modalidade esportiva que surgiu em 2005 e se popularizou nos Estados Unidos como um esporte de aventura, lazer e também para a recuperação de atletas lesionados. No Brasil, a modalidade ainda não é muito popular, mas em Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, já é possível ter contato com a prática nas praias do Poço e do Jacaré.

O esporte se enquadra na categoria das modalidades multiesportivas, a exemplo do triathlon e, desde 2017 a disputa foi incluída no Mundial MultiSport, que em 2020 aconteceria na Holanda, mas por conta da pandemia, o evento acabou sendo adiado para o próximo ano. No nível competitivo, as provas de aquabike ocorrem em conjunto com disputas de natação, formando assim um Biathlon com um trecho de nado no mar e outro de aquabike.

Segundo o instrutor Vinicius Souza, responsável pelos passeios realizados na Região Metropolitana de João Pessoa, a prática do Aquabike é similar ao exercício em uma bicicleta ergométrica, porém o esforço é muito mais prazeroso por ser realizado ao ar livre e também implicar em um impacto muito menor para as articulações. Segundo ele, ao mesmo tempo em que se pratica um esporte prazeroso cuja sensação é de



Foto: Divulgação

O Aquabike surgiu em 2005 nos Estados Unidos como esporte de aventura, lazer e também para a recuperação de atletas lesionados

deslizar sob as águas, também se aproveitam os benefícios inerentes ao esporte para a saúde das pessoas.

“Como vantagens principais, podemos destacar a melhora na circulação sanguínea e da condição cardiorrespiratória, além de ser um esporte positivo para quem busca o condicionamento físico, especialmente após o acometimento de lesões, pois

o impacto das articulações é praticamente zero. Tudo isso ainda aliado com a contemplação da paisagem e do próprio mar, pois a sensação é literalmente a de estar deslizando sob as águas”, explicou Vinicius.

Já Valéria Araújo, empresária que recentemente conheceu a modalidade, afirmou que essa é uma prática extremamente prazerosa e re-

comendável para quem busca uma opção de esporte, lazer e integração com a natureza, especialmente agora no pós-pandemia.

“Andar de bicicleta já é algo que nos traz uma sensação de liberdade e fazer isso na água é algo inexplicável. Eu terminei o primeiro passeio e já fui indicando para todo mundo, pois você consegue se exercitar e ao mesmo tempo

ter o privilégio de estar em contato direto com a natureza. É muito incrível, depois da primeira vez já fui em outras duas oportunidades e vou seguir praticando essa modalidade”, afirmou Valéria.

Na Região Metropolitana de João Pessoa, a prática em duas localidades na cidade de Cabedelo. Na Praia do Poço os interessados podem ter acesso ao esporte em dias de

maré baixa com no máximo 80 cm de altura das 8h às 12h incluindo uma expedição até Areia Vermelha. Já no período da tarde, a modalidade pode ser praticada das 15h até o pôr do sol na Praia do Jacaré, ao som do bolero de ravel. Os passeios custam R\$ 30 por pessoa. Maiores informações pelos telefones 83 988217221 ou 83 98731 2622( celular e whatsapp ).

## Botafogo tem mais uma decisão amanhã contra o Vila Nova-GO na sua luta contra o rebaixamento

**Ivo Marques**  
ivo\_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo resolveu encerrar os preparativos para o jogo de amanhã, contra o Vila Nova, em Goiânia, com dois treinos, sendo um ontem, e outro recreativo neste domingo. A partida será nesta segunda-feira, às 18 horas, no Estádio Onésio Brasileiro Alvarenga, na capital de Goiás. A CBF já definiu o trio de arbitragem para esta partida e vem do estado do Mato Grosso do Sul. O árbitro central será Marcos Mateus Pereira, o assistente 1 Marcos do Santos Brito e o número 2 Sérgio Alexandre da Silva.

Após a goleada de 7 a 0 no Imperatriz, o clima mudou bastante no Botafogo. Jogadores e comissão técnica acham que a reação do clube na competição já começou, e que é perfeitamente possível sair da zona de rebaixamento com mais duas vitórias, nos 4 jogos que restam na primeira fase. Sobre especificamente o jogo contra o Vila Nova, todos preveem um jogo mui-

to difícil, por causa da boa campanha do clube na Série C. O clube de Goiânia tem 24 pontos, está na terceira posição na tabela de classificação e é forte candidato a passar para a próxima fase.

O zagueiro Rodrigo é um dos jogadores que pensam em sair de Goiás com um resultado positivo, mesmo sabendo do poderio da equipe adversária. “A gente sabe da força do adversário, sobretudo jogando em casa, mas vamos procurar neutralizar as ações dele e tentar surpreender para sair de lá com uma vitória. Se não der, um empate também fica de bom tamanho para escapar do rebaixamento”, disse o zagueiro, que fez um dos gols da vitória do Belo contra o Imperatriz.

O técnico Evaristo Piza terá alguns reforços para esta partida. O zagueiro Luiz Gustavo já foi liberado pelo departamento médico e o lateral direito Marcos Martins volta de suspensão. Apenas o atacante Mário Sérgio e o volante Rogério estão ainda em fase de transição.



Foto: Instagram/Botafogo

Depois de treinar exaustivamente durante a semana, o Botafogo terá um grande desafio amanhã em Goiânia



Foto: Marcus Antonius

“

**Não se trata apenas de defender tais animais com base na ideia de que eles têm necessidade de viver e não sofrer, mas, sim, em reconhecer que eles possuem a dignidade como atributo essencial e como qualidade que lhes é inerente”**

**Marconi Pequeno**

## Proteção dos animais: **uma questão ambiental e moral**

**Abandono e maus-tratos, além de serem atos criminosos, podem revelar muito sobre o caráter do homem**

**Iluska Cavalcante**  
cavalcanteiluska@gmail.com

Se “a grandeza de uma nação e seu progresso moral podem ser julgados pela forma como seus animais são tratados”, conforme declarou Mahatma Gandhi, que tipo de sociedade é esta que maltrata, abandona e extermina os bichos? O grave problema ambiental também é de ordem filosófica e, para muitos estudiosos, é uma questão de compaixão. No caso, da falta dela. O filósofo Arthur Schopenhauer, por exemplo, afirma que “a compaixão pelos animais está intimamente ligada à bondade de caráter; e quem é cruel com os animais não pode ser um bom homem.”

A realidade, no entanto, é cruel. Com a terceira maior população de animais do mundo, o Brasil tinha, em janeiro deste ano, cerca de quatro milhões de bichos em situação de rua, em abrigos ou sob a tutela de famílias carentes. Com a pandemia, entidades protetoras acreditam em números até seis vezes maiores que os anteriores, já que o abandono de bichos durante o isolamento foi uma outra espécie de “pandemia” vista no país.

Além de legislação forte, com previsão de penas severas, o combate ao crime contra animais, segundo estudiosos e protetores, passa também pela educação, pela conscientização e pela compaixão. Com certeza, um legado para as próximas gerações porque, aparentemente, a sociedade atual tem acumulado fracassos nesse sentido.

### Motivação errada

## Pets não podem ser vistos como objeto

Afinal o que faz com que o animal que um dia fez a alegria do lar, muitas vezes, chegando ainda filhote e considerado parte da família, seja abandonado? Não é difícil andar em lugares públicos e encontrar cães perambulando em busca de algum alimento ou uma sombra para descansar. Filhotes, mais velhos, outros doentes e magros, invisíveis à maioria das pessoas ao redor.

A bióloga e terapeuta de animais Luciana Ramalho explica que todo o problema, que termina com o abandono, começa com a motivação errada ao comprar ou adotar. “Muitas pessoas compram animais de estimação em datas como Páscoa,

Dia das Crianças e Natal, dando de presente para as crianças como se fossem um objeto. Quando ela recebe o animalzinho, acha que ele vai ficar pequeno e bonitinho para sempre. É um brinquedo, usa e descarta. Depois, os pais e as crianças não sabem o que fazer com eles. Acaba que muitas vezes os animais são maltratados ou os donos desistem e abandonam mesmo”.

### Ostentação

Visualizar o animal como um produto e não como um ser que deve ser cuidado e amado, com necessidades básicas como alimentação e remédios, faz com que descartá-los

seja algo fácil e até do cotidiano. “Os pets estão muito em moda, são aqueles porquinhos pequeninhos, o gato sem pelo, ou o cachorro de raça cara que a celebridade tem. Muita gente compra como valor material para ostentar como se fosse um produto. Isso também leva ao abandono porque o gasto é muito grande. É difícil de acontecer com animais de raça, mas eu já vi situações deles serem abandonados por causa do gasto que causam. Principalmente, quando vai ficando velho; ou deixam morrer ou abandonam mesmo”, disse.

▶▶▶ Continua

### Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com | colaborador

## O espírito de Mãe Antonieta está presente

**A**s 3 e 15 da tarde de 2 de maio de 2003. Um maio despedaçado entre esperanças e temores de que ela não voltaria ao lar. Na redação, trabalhava com o vai-e-vem em meu cérebro da imagem que nunca aceitei, mas que não conseguia apagar desde a última visita no apartamento do Hospital Santa Paula. A face de 90 anos cheia de rugas, o tubo de oxigênio, o soro medicamentoso aplicado na veia tão machucada. O aparelho ligado com o angustiante som dos bips indicando que o coração da minha mãe estava batendo.

O telefone ao meu lado tocou, na redação. Atendi. Inconfundível, a voz do meu

saudoso irmão, Marcus: “É Carlos?”. “Sim, Marcus”. O verbo por ele usado atravessou todo o meu tempo-espaço, da infância na praia de Tambaú à maturidade durante o trabalho no jornal: “Acabou”. Silêncio longo e nada mais foi dito, com o choro baixo e cortado de meu irmão. Lembro que desligamos o telefone ao mesmo tempo. Dizer, comentar, combinar, mais o que?

Dezessete anos me fazem passar, vez em quando, folha a folha, três álbuns com fotografias de mãe Antonieta. Na sala de visitas da minha casa, há uma reprodução em porcelana de quando ela desce de um ônibus em Madri.

Passados dezessete anos, a ficha nunca caiu. Mãe Antonieta continua a preencher

pulsões do meu serestar, conflitos, criações, dúvidas, pensamentos, conversas, sonhos. O cheiro de mãe Antonieta permanece registrado por meu olfato. Muitas vezes, quando apago a última luz, antes de dormir, sinto uma presença grande, invisível e amorosa, ocupando toda a casa por mim herdada.

Passados dezessete anos e meio, consolido o entendimento de que a vida é a morte e a morte é a vida. Ou seja: uma única linha reta e curva, paralela a si própria. Isto me faz sorrir com serenidade e chorar com discrição. Porto-me com a septuagenária maturidade de quem já viu muitos partirem (parentes e amigos) e com a adolescência que me faz crer em anos suficientes para produzir algo melhor.

## Mais uma obrigação sazonal da música

Minha obrigação cultural para hoje é lembrar que Walter Franco e Arrigo Barnabé foram, em nível nacional, no espaço fora dos territórios baianos, paraibanos e pernambucanos, as figuras de maior expressão na fase em que o tropicalismo foi diluído.

Walter Franco foi o primeiro e o menos “musical” (quando se conceitua música de acordo com as exigências de determinados padrões de melodia e harmonia). Um poeta processual por natureza, aqui e ali bebendo também um pouco

no concretismo, Walter decidiu penetrar mais naquela linha tão explorada por Caetano Veloso em seu antológico “Araçá azul”. “Cabeça” foi o exemplo típico da circulação vanguardista de Walter na diluição tropicalista, com sua pergunta-chave: “que é que cê tem nessa cabeça, irmão?”. Ele isolou-se e foi isolado, até desaparecer com a sofrida “Canalha”.

Quem apareceu, em ritmo de vanguarda sulista, na diluição do tropicalismo foi Arrigo Barnabé. Transferindo-se do Paraná para São Paulo, logo Arrigo trans-

formou-se no líder da vanguarda musical atuante na “pauliceia”. Foi naquele mesmo festival da Tupi, em 79, que ele surpreendeu os telespectadores fiéis à MPB com sua anárquica “Sabor de veneno”. A carreira posterior de Arrigo - lançando coisas tão diversas como uma valsa dissonante (“Londrina”), o frankzappiano “Tubarões voadores” e trilhas sonoras de alguns filmes o consolidou como um dos músicos de extrema competência que o Brasil fez nascer.

Está cumprida mais uma das minhas obrigações sazonáveis musicais.

### Nas tais redes sociais

Estou reunindo tudo o que tenho para entregar a uma pessoa competente que fará a minha biografia. Não tenho o menor saco no sentido de escrever uma autobiografia. Tinha decidido deixar correr mais tempo para isso. Acontece que as tais “redes sociais” abrigam algumas pessoas de má-fé, mentirosas, a inventar coisas, plantando-as na tentativa de transformá-las em verdades. Essas pessoas sem caráter preocupam-me porque há muita ingenuidade entre os que as acompanham. Ainda há os impostores, os chamados “fakes”. Como são neuróticos e nocivos! Fiquei espantado porque um dos “facebokeiros”, que gostam de ser chamados como “ativistas culturais”, entre outras leviandades, “informou” que produzi Os Quatro Loucos. Jamais. Minha relação com o grupo foi quando eles me acompanharam duas vezes em festival realizado no Teatro Santa Rosa, na música “Giramulher”, e lançamos de fato, para um grande público, “lato senso”, o tropicalismo na Paraíba; também quando fiz shows com eles em bailes realizados no Sesc-Centro de João Pessoa, em Guarabira e Patos, e participamos duas vezes do programa “Convocação geral”, dirigido por José Pimentel, no auditório da TV Jornal do Commercio, do Recife. Isto o “facebokeiro” não disse. Estou montando um esquema para tomar conhecimento de tudo o que sair sobre mim nas tais “redes sociais”. Garanto que processarei autores do que não for verídico. Não é nada contra a liberdade de expressão. É apenas, e muito, uma defesa da verdade.

▶▶▶ Continuação

# Protetores independentes

Os protetores independentes de animais, aquelas pessoas que se reúnem para cuidar de animais de ruas sem apoio político ou de Ongs, estão crescendo cada vez mais e podem ser a única solução para muitos animais de ruas. A assistente social e protetora independente, Aline Maria, tem uma rotina dedicada a cuidar de animais abandonados. “O abandono acontece diariamente. Estamos tentando fazer um trabalho no mercado de Jaguaribe; ali é um ponto certo de abandono, as pessoas abandonam e vão embora, deixando de cinco a dez animais por vez. Deixa a gente chocado”, comentou.

Diariamente, Aline e um grupo de apoiadores vão a locais fixos, como mercados públicos e hotéis, onde animais costumam ser deixados, e dão assistência com comida, água e remédios. Ela comentou que, com a convivência, consegue perceber quando um “rosto” novo aparece. “Quando vemos uma carinha nova já sabemos que aquele foi o abandonado do dia. Isso nos deixa tristes, ninguém vai até o mercado para dizer que quer adotar; nesses anos todos, eu nunca estive nesse lugar e alguém chegou para adotar algum animal de lá. Isso faz com que a gente tenha alguma antipatia por alguns seres humanos”.

Além dos maus tratos, os animais precisam lidar com a fome. O trabalho de Aline é de tentar amenizar esse sofrimento alimentando os animais e cuidando de sua saúde. “São várias pessoas envolvidas para nos revezarmos e não ficarmos sozinhos. Muitos adoecem por isso. Mayara, por exemplo, vai no horário de seu almoço colocar ração, água e remédio nos animais do mercado em Jaguaribe. À noite, seu Arnaldo faz a volta para ver como eles estão e se precisam de mais comida, e assim vamos nos ajudando e cuidando desses animais”, comentou.

Além do abandono de animais doentes e idosos, outro método utilizado por aqueles que desejam descartá-los é a eutanásia. Doenças como a esporotricose, que tem cura, tem sido utilizada como desculpa para recorrer a esse método. “Acontece muito de pessoas deixarem o animal para sacrificar, às vezes, por comodismo. É a mesma

coisa de deixar uma pessoa com câncer morrer, matar sem fazer nenhum tratamento”.

Se por um lado, há o problema do abandono e da negligência, do outro, pessoas se juntam, dedicando tempo e dinheiro de seus próprios salários para cuidar desses animais. “Não temos doações, tiramos do nosso dia a dia, do nosso salário para a ração deles. Tem protetor que passa fome, mas não deixa o seu animal passar. Existe só um verbo para definir essa minha dedicação: gostar. Como eu gosto, eu tenho o olhar diferenciado para eles, me identifico com eles. Isso me faz saber que, de uma forma ou de outra, estou amenizando o sofrimento que eles sentem”.

## Denúncia

O ato de abandono de animais é crime, previsto na Lei Estadual nº 11.140 de 2018. “Abandonar animal em qualquer circunstância, recém-nascido, jovem ou idoso, estando ou não são, doente, ferido, extenuado ou mutilado, bem como deixar de lhe administrar tudo o que humanitariamente se lhe possa prover, inclusive assistência veterinária”, Artigo 2º, inciso V.

A protetora de animais Andreza Clarinda, criadora da Organização Não Governamental (Ong) Animalia, comentou que, apesar da lei e da possibilidade de denúncia, há dificuldade em encontrar os autores do crime. “O abandono é mais comum do que se pensa, principalmente os animais mais idosos, o pessoal descarta mesmo, como se fosse um pano de chão velho, sem ter mais uso, simplesmente porque está velho, e tem que gastar um pouco mais, acha que não é importante. E isso é muito cruel e na maioria das vezes a gente não tem como saber de onde este animal saiu, apesar da gente poder denunciar”.

## Onde denunciar?

Delegacia de Crimes  
Contra o Meio Ambiente  
Telefone:  
(83) 3264-9166



Fotos: Marcus Antonius



Cada vez mais pessoas têm se engajado em trabalhos voluntários de resgate de animais

## A filosofia e os direitos dos animais não humanos

Marconi Pequeno  
Especial para o jornal A União

A preocupação da filosofia com a questão animal não é recente. Ela remonta ao séc. VI a. C., com Pitágoras, para quem todos os animais deveriam ser protegidos em razão da transmigração das almas ou metempsicose, isto é, pelo fato de que os seres humanos podem renascer como animais não humanos e vice-versa. Pitágoras reprovava o sacrifício de animais e associava o seu consumo à própria prática do canibalismo humano. A sua condenação se dava por motivos místicos, mas também por razões morais. Essa concepção, todavia, não foi seguida por Aristóteles (século IV a. C.), pois, segundo o referido filósofo, os animais estariam distantes dos seres humanos na escala da natureza e, na condição de seres irracionais, deveriam estar a serviço dos homens.

A emergência do cristianismo não modificou substancialmente tal ideia, pois a interpretação dos textos sagrados sugeria que Deus teria conferido aos homens o domínio sobre os

demais seres vivos, a ponto de, por exemplo, São Tomás de Aquino considerar que o mandamento “não matarás!” não deveria se aplicar aos animais não humanos. Esse postulado expressa bem o antropocentrismo que até então dominou grande parte da história da filosofia ocidental.

No século XVI, o antropocentrismo passou a ser contestado por Michel de Montaigne para quem a crueldade contra tais animais, sob a forma de caça recreativa, confinamento em cativeiro ou consumo, deveria ser condenada. Todavia, no século XVII, com René Descartes, ocorre mais uma retomada do antropocentrismo pelo fato de ele considerar os animais como seres destituídos de alma já que eram incapazes de pensar e usar a razão. Essa posição também foi compartilhada por Immanuel Kant, um ardoroso defensor da centralidade do homem no universo e de sua superioridade sobre os demais seres vivos.

Ademais, a hegemonia do antropocentrismo começa a ser abalada a partir do século XVIII, inicialmente com Jean-Jacques Rousseau, o qual conclamava os

homens a, na condição de animais diferenciados, proteger todos os demais, ou seja, por serem dotados da faculdade da razão, eles teriam o dever de não maltratá-los. David Hume, por sua vez, assinalava que existem apenas diferenças contingentes e não essenciais entre os homens e os animais não humanos, de modo que estes são dotados de inteligência e também capazes de realizar, por meio do hábito, raciocínios causais. Nessa mesma linha, Voltaire considerava que os animais deveriam ser respeitados por serem dotados de sentimentos e interesses. Essa ideia também era compartilhada por Jeremy Bentham, o precursor do utilitarismo, ao considerar que os animais não humanos são seres sencientes cuja dor é tão real e moralmente relevante como a dor humana. Seguindo essa tendência, Arthur Schopenhauer, no século XIX, afirmava que tais animais têm a mesma essência que compõe os seres humanos, pois são dotados de sentimento, vontade e necessidade.

Entretanto, a preocupação mais intensa e sistemática com a condição dos animais não humanos se consolida no século XX e, mais precisamente, na década de 70. Nesse período, Richard Ryder, ao elaborar o conceito de especismo, postula que também seria apropriado conferir um status moral aos animais não humanos. Essa ideia ganhou contornos mais definidos com a publicação da obra Liberação animal (1975) do filósofo australiano Peter Singer, para quem todos os animais deveriam ser igualmente considerados em seus interesses. Segundo o referido autor, as características particulares e contingentes dos seres humanos (pensar, usar a linguagem, possuir autoconsciência) não servem para atestar a sua superioridade, nem, tampouco, para restringir a dignidade a apenas esta pequena parcela dos seres sensíveis: os humanos. Acrescenta-se à evidência de que tais animais possuem interesses tão legítimos e vitais como os dos seres humanos, o fato de que eles também são dotados de consciência, emoções, habilidades cognitivas e inteligência estratégica. Assim, não se trata apenas de defender tais animais com base na ideia de que eles têm necessidade de viver e não sofrer, mas sim em reconhecer que eles possuem a dignidade como atributo essencial e como uma qualidade que lhes é inerente.

\*Professor de Filosofia

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
colaborador

## Teatro poliglota

Em 1990, escrevi um texto teatral para denunciar as condições de vida das crianças e adolescentes pobres da Paraíba, como uma forma de contribuir na luta pela implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente e conselhos de defesa de nossa infância. O Coletivo Dramático de Mari – Codrama – encenou o texto, batendo um recorde no teatro amador paraibano, pelo que sei, ao manter a peça em cartaz durante sete anos corridos. A montagem mereceu um prêmio do Unicef, órgão das Nações Unidas, e foi reconhecida como espetáculo didático de alto nível pelo Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente da Paraíba.

Depois, o Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana também montou a peça, que é uma denúncia sobre o abandono de crianças e adolescentes no Brasil e uma acusação à sociedade e poderes públicos pela situação de nossa infância, mas de forma leve e bem humorada. O público é levado a refletir sobre essas mazelas sociais, mas se divertindo com o humor escrachado da peça, que se chama “Cantiga de Ninar na Rua”.

No ano de 2009, recebi pedido de um grupo de alunos de língua espanhola para autorizar a montagem do texto, vertido na língua de Cervantes, que recebeu o título de “Por dejarme respirar, por dejarme existir, Dios lo pague”. A nova versão de meu trabalho estreou no dia 12 de outubro, no XII Encuentro Paraibano de Lengua Española y Culturas Hispanoamericanas.

O programa da peça, entre outras informações, esclarece que “el trabajo fue traducido, adaptado y escenificado del texto da pieza ‘Cantiga de Ninar na Rua’, del poeta periodista pernambucano Fábio Mozart. Os encenadores terminam informando que “es um espetáculo sencillo, pero corajoso e muy polémico”.

Segue, portanto, essa peça seu destino de servir de instrumento para desenvolver uma consciência que lute por uma nova sociedade, agora falando em espanhol. Infelizmente, após mais de vinte anos da fala do Presidente Collor de Mello, que anunciou à nação a prioridade para as crianças e adolescentes, em nossas ruas ainda permanecem milhares

de crianças entre 10 e 17 anos sobrevivendo de esmolas, biscates ou furtos. A criança tem direitos só no papel.

Sempre entendi a arte como um fato social. Meu teatro denuncia as mazelas da nossa sociedade, colaborando de alguma forma na luta por um Brasil melhor, mais justo e fraterno. Sem panfletarismo. O espetáculo foi mote para criação do Ponto de Cultura Cantiga de Ninar, em Itabaiana, através da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz. Os Pontos de Cultura foram projetos financiados e apoiados institucionalmente pelo Ministério da Cultura do Brasil (MinC) e implementados por entidades governamentais ou não governamentais. Criação do Gilberto Gil, o melhor Ministro da Cultura que este país já teve. Visavam à realização de ações de impacto sociocultural nas comunidades. Atualmente, nem o MinC existe mais. Acabaram com o Ministério da Cultura para atingir artistas ditos “de esquerda” e deixaram ao abandono milhares de instituições e coletivos culturais. As forças conservadoras são anti-culturais em sua essência.



Fotos: Marcos Russo

# Saiba o que é o Transtorno de Borderline

Principal sinal de que uma pessoa pode ter o problema é a dificuldade em estabelecer relações com o entorno e de formar identidade e personalidade próprias

**João Pedro Malar**  
Agência Estado

O Transtorno Borderline ganhou repercussão recentemente por conta da participante do reality show A Fazenda 12, Raissa Barbosa, que já falou abertamente sobre o problema de saúde. A doença, assim como seu diagnóstico, sintomas e tratamento, são pouco conhecidos pelo público.

Raissa revelou que foi diagnosticada com o Transtorno de Personalidade Borderline em abril de 2020, após procurar ajuda médica em outubro de 2019: "Eu só conheci [o transtorno] porque eu descobri que eu tinha".

"No começo eu não acreditei que tivesse isso porque eu nunca tinha ouvido falar, e achei que era algo grave", comentou a influenciadora em alguns stories publicados no Instagram. Ela destacou que é comum que as pessoas não saibam que possuem a doença porque não buscam ajuda médica. "Não tenham preconceito", ressaltou, à época.

## Diagnóstico tardio

O diagnóstico tardio de Raissa, apenas na fase adulta, não é incomum. O mesmo aconteceu com a estudante Mirian Reis, de 23 anos, que descobriu que possuía o Transtorno Borderline no começo de 2020, em meio à pandemia do novo coronavírus.

"Não foi uma surpresa porque eu já sabia que tinha alguma coisa, mas não sabia o que era. Desde a adolescência, infância tive traumas que podem parecer bobos, mas foram bem importantes", lembra ela.

Mirian relata que chegou a ter atitudes autodestrutivas na adolescência, com problemas para lidar com a rejeição em relacionamentos, e destaca que isso lhe causava "muito sofrimento", mesmo que algumas pessoas considerassem suas reações como "drama" ou "algo bobo".

"A percepção do mundo é muito mais suave pra quem não tem [o transtorno], para quem tem é mais barulhento, intenso, dramático, vivemos a vida intensamente", explica ela. A jovem chegou a buscar ajuda psiquiátrica diversas vezes, mas não conseguia um diagnóstico preciso com os profissionais, que falavam de "traumas, agressividade, depressão e ansiedade".

Foi após um surto que ela decidiu buscar ajuda especializada, encontrando um psiquiatra que deu o diagnóstico. "Depois que recebi o diagnóstico correto, percebi que encaixava, tudo fazia mais sentido: o que eu fiz, passei...", conta.

Atualmente iniciando o tratamento da doença, Mirian relata que decidiu acompanhar o programa A Fazenda depois de saber que uma das participantes tinha o Transtorno Borderline, mas ela considera que esse acompanhamento tem sido "muito difícil".

"Eu vi alguns surtos dela e eles começaram a repercutir nas redes sociais. As pessoas chamando ela de 'louca', 'surtada', 'desequilibrada', palavras muito ruins. Aquilo começou a me dar gatilho, porque se estão xingando ela daquele jeito, estão xingando a mim também", afirma a estudante, se referindo a comentários feitos após brigas e desentendimentos em que Raissa se envolveu. Ela destaca que quem possui o transtorno não é "louco" e pode "conviver em sociedade", além de lembrar que os "surto" de Raissa não são um "show" ou "invenção". A jovem considera que muitos comentários envolvem uma "psicofobia", ou seja, um medo ou preconceito devido a uma doença mental.

"Agora eu me agarrei à causa dela, de ela estar lá, sofrendo uma pressão. Eu sei que é um jogo, mas as pessoas não entendem que perseguir ela e atacar pelo transtorno é algo muito mais grave. Não deve ter um tratamento diferente, mas o mínimo é ter respeito", defende.

## Sintomas, causas e tratamento da doença

### ■ O que é o Transtorno Borderline?

Leila Salomão Tardivo, professora de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), explica que Transtorno Borderline é um tipo de transtorno de personalidade. Portanto, não pode ser chamado de "síndrome de Borderline", uma classificação incorreta.

Ela explica que o transtorno se refere aos chamados "casos limites", por isso o nome. Borderline, em inglês, pode significar tanto "fronteira" quanto "incerteza". "Não é um tipo único, são pessoas com muita instabilidade emocional. É difícil diagnosticar porque pode parecer uma depressão, mas tem outros componentes", destaca a professora.

"Borderline é um problema nas relações, se a pessoa fica perto [de alguém] fica mal, e se fica longe não suporta. Tem um problema no vínculo, é o mal do vínculo, há uma angústia de abandono, perda, e perto [quem tem o transtorno] fica muito destrutivo", comenta ela.

### ■ Quais os sintomas de Borderline?

A professora comenta que o transtorno é classificado como uma "neurose polissintomática", o que significa que a doença se manifesta em diversos sintomas diferentes, o que ela chama de "grande extensão", e nem todos estarão presentes em todas as pessoas diagnosticadas.

Alguns sintomas do Transtorno Borderline podem até levar a diagnósticos errados, baseados apenas em um sintoma e não no quadro geral do paciente. É comum que ele seja diagnosticado com depressão, ansiedade ou bipolaridade, quando na verdade os elementos que geram essa conclusão são manifestações do transtorno.

Uma confusão comum é associar o Transtorno Borderline ao Transtorno Bipolar. A diferença entre os dois é explicada pela professora: "A bipolaridade alterna momentos de depressão e de mania, ou agitação. Isso pode ocorrer com quem tem Borderline, mas não é o que o caracteriza".

O principal sinal de que uma pessoa pode ter o transtorno é a dificuldade em estabelecer relações com o entorno e de formar uma identidade e personalidade próprias. Essas questões geram efeitos psicológicos,

que por sua vez se manifestam em sintomas semelhantes ao de ansiedade, depressão e agressividade, além de fobias, obsessões e alternâncias rápidas de humor.

Em geral, os tipos de Borderline são divididos em graus. Quanto mais leve, mais fácil é o controle dos sintomas, mas quanto mais elevado, mais intensos os sintomas são. Nesses casos, o paciente pode ter comportamentos muito agressivos, autodestrutivos e até desenvolver vícios, como em substâncias químicas.

### ■ Como identificar uma pessoa com Transtorno Borderline?

Como é o caso de outros transtornos de personalidade e doenças mentais, o diagnóstico deve ser feito sempre por um profissional, geralmente um psiquiatra. Havendo a suspeita do transtorno, o profissional deverá analisar os sintomas e as experiências do paciente.

Nesses casos, o grande perigo é que o paciente seja diagnosticado com uma das manifestações da doença, e não com o transtorno, que é a verdadeira causa. Entretanto, o transtorno já é conhecido pela ciência desde os anos 1940, o que diminui as chances de erro de diagnóstico.

Leila Salomão destaca que quanto mais cedo o transtorno é identificado, melhor. "Pensando até em adolescência, reconhecendo mais jovem fica mais fácil lidar", explica ela. Os serviços de atendimento psicológico estão disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS), nos chamados Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Em São Paulo, o Hospital das Clínicas possui um ambulatório específico para diagnóstico do transtorno.

### ■ Quais as causas do Transtorno Borderline?

Como outros transtornos mentais, existem diversos fatores que podem levar ao desenvolvimento do Transtorno Borderline. A professora observa, porém, que nos últimos anos tem ocorrido um aumento do número de diagnósticos da doença.

Segundo ela, o aumento dos diagnósticos está ligado não apenas à busca maior de pessoas por atenção profissional, mas também a alguns fatores sociais: "Aumento do estresse, competição intensa entre as pessoas, mais violência e uma falta de valores, base".

### ■ Existe tratamento para o Transtorno Borderline?

A professora explica que não há cura para o transtorno, mas que é possível controlá-lo. Esse controle envolve tanto a participação de um psiquiatra quanto de um psicólogo. Segundo ela, o psiquiatra receita medicamentos que controlam os sintomas exibidos pelo paciente, como ansiedade, enquanto o psicólogo realiza sessões de terapia para trabalhar com as causas do transtorno.

"O controle é mais fácil para quadros mais brandos, diagnosticadas mais precocemente. Falta uma coesão na identidade, a chamada identidade difusa, isso tem como controlar com um psicólogo", explica.

Ela também destaca que é necessário, durante o tratamento, haver um apoio das pessoas do em torno do paciente: "O tratamento envolve integrar a personalidade, ajudar a pessoa a ser ela mesma, separada dos outros, e não se desesperar. Também envolve terapia familiar, ter um apoio".

### ■ O que fazer em casos de crise de Borderline?

As chamadas "crises" de quem possui o transtorno podem se manifestar de diversos jeitos, mas em geral envolve variações rápidas de humor, e também episódios violentos, com intensidade variante.

A psicóloga observa que ambientes estressantes podem "facilitar as crises", inclusive em cenários de "competição exacerbada" e convivência com outras pessoas agressivas. Em caso de crise, ela acha importante que os outros "não se desesperem".

"Tem que procurar acalmar, mostrar presença, não julgar, criticar, e procurar ajudar. O ideal é dar presença, dar afeto, segurança", comenta. Para isso, Leila considera ser importante que as pessoas do círculo social do paciente não tenham preconceitos.

"Existem preconceitos, estigmas, a própria pessoa se estigmatiza. Não se pode validar a violência, se a manifestação for essa, mas qualquer transtorno de personalidade tem que ser reconhecido pela pessoa e quem está ao redor, e ela não pode ser julgada pelo entorno", observa a professora.

# Do teatro ao carnaval, arte e ciência trabalham juntas

Tidas como opostas, as duas áreas construíram parcerias importantes que ajudam na divulgação do conhecimento

**Renato Félix**  
Especial para A União

Arte é emoção, ciência é razão. Esse é um modo bastante comum de ver as coisas. Mas seriam mesmo dois opostos? Na verdade, não são poucas as vezes em que esses mundos se encontram. A ciência pode ser uma bela matéria-prima para a expressão artística. E a arte é uma divulgadora científica preciosa e que pode ir do didático ao inventivo. No Brasil, algumas experiências fazem uso dessa mistura.

“O ser humano desenvolveu formas diferentes de olhar, sentir e interpretar o mundo, a natureza e tudo que nos cerca. Ciência e arte nos ajudam a encontrar respostas para algumas de nossas questões”, afirma Fátima Brito, diretora da Divisão de Programas da Casa da Ciência, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “Emoção e razão compõem a nossa humanidade e o tempo inteiro transitamos entre os dois. Como dizer que não existe emoção na ciência? E como dizer que não existe razão numa obra de arte? Esse diálogo é inevitável”.

A Casa da Ciência da UFRJ foi inaugurada em 29 de junho de 1995. “Nascermos como Casa da Ciência



Espectáculo Vinte Mil Léguas Submarinas, do núcleo Arte Ciência no Palco: a arte aproxima a informação científica do cotidiano das pessoas

– Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ –, um conceito inovador na época e ainda hoje nos museus e centros de ciência”, conta Fátima. “Ser uma casa foi fundamental para, na medida do possível, aproximar as informações científicas para o co-

tidiano de nossos visitantes, de nossas vidas”.

É a filosofia da apropriação social da ciência que Fátima apresentou durante a conferência virtual Ágora, uma formação em políticas públicas para a ciência, direcionada aos colaboradores

da Secretaria Executiva da Ciência e Tecnologia, idealizada pelo secretário executivo, Rubens Freire.

Com esse espírito de centro cultural ligado à ciência e tecnologia, a instituição sempre teve a arte como aliada para uma forma de inter-

pretar o que nos cerca e que interfere diariamente em nossas vidas. “O grande desafio foi e é, em linguagem não especializada e compreensível para todos, fazer com que nossos visitantes se apropriem de informações científicas para que tomem suas

decisões sobre os riscos e benefícios da ciência”, diz ela. “Ciência é feita de perguntas, de experimentações, de trocas e de muito trabalho. As parcerias nos possibilitou trocas incríveis de grande aprendizado e trabalhamos arduamente por acreditar que todas as ideias eram possíveis. E esses encontros e experiências construíram a história da Casa da Ciência da UFRJ”.

A instituição usa vários recursos para popularizar a ciência. “Ser um centro cultural nos possibilita o uso de linguagens distintas pra falar de um determinado tema, dos ciclos de palestras ao teatro, das exposições aos cursos e oficinas”, enumera. “Fizemos exposição de artes plásticas e de experimentos científicos. Encontramos muitas ciências na obra do Portinari, fizemos uma imersão na energia nuclear pra falar de seus riscos e benefícios, contamos as mudanças geológicas do planeta Terra através das sensações, artistas de hospitais psiquiátricos mostraram suas obras e a importância da arte em seus tratamentos, trouxemos a humanidade de Einstein através do teatro, fizemos o encontro da ciência com o carnaval e atualmente estamos com uma exposição de arte cujo tema é o Alzheimer”.

Foto: Divulgação

## Temas complexos ganham os palcos e estimulam a curiosidade da plateia

Uma dessas parcerias foi feita com Carlos Palma, ator, diretor e produtor, fundador do núcleo Arte Ciência no Palco, em São Paulo. Em 1998, ele atuava no monólogo “Einstein”, texto canadense em que o cientista falava sobre sua própria vida. A Casa da Ciência o convidou para apresentar a peça em um evento latino-americano de divulgação científica. Palma ficou um mês apresentando o espetáculo e em contato com outras atividades do centro cultural.

“Assisti conferências e, conversando com a (produtora) Adriana Carui, achamos que poderíamos manter esse projeto”, conta ele. Foi a partir daí que surgiu o núcleo, dedicado a montar peças que levam a ciência ao palco. Mas não de forma didática, escolar.

“Existe um certo preconceito com o teatro que fala disso. As pessoas acham que tem que ser teatro para apresentações em escolas”, afirma. “Sei que tem bons grupos que trabalham essa questão didática, porque tem esse objetivo. Somos voltados para o público geral que quer refletir até que ponto as questões da ciência estão no nosso dia a dia, das nossas angústias”.

A segunda peça do grupo foi a infantil “Da Vinci Pintando o Sete” (2000). Para as crianças, o esforço em evitar o mero didatismo também existe. “A gente evita qualquer tipo de explicação científica”, informa. “A ideia é tentar fazer com que a curiosidade da criança se amplie. Através do lúdico, estimular essa curiosidade”.

Em outras produções infantis, o grupo abordou a astronomia em “Big Big Bang Boom” (2010), revisitou Julio Verne em “20.000 Léguas Submarinas, Ufa!” (2004) e tratou do escritor Arthur Conan Doyle, que criou o personagem cerebral Sherlock Holmes ao mesmo tempo em que era um

entusiasta do espiritismo, em “No Mundo de Arthur” (2014).

### Física nuclear em Copenhague

Mas a peça mais celebrada do grupo é “Copenhague” (2001), uma produção de três horas de duração que trata de um misterioso encontro em 1941, em plena II Guerra Mundial, entre o dinamarquês Niels Bohr (1885-1962) e o alemão Werner Heisenberg (1901-1976).

Os dois cientistas são grandes nomes da física quântica e ganhadores do prêmio Nobel de Física (em 1922 e 1932, respectivamente). O encontro, depois do qual os dois amigos se distanciaram, teria tratado da construção da bomba atômica – Heisenberg era chefe do programa nuclear nazista e, naquele momento, a Alemanha havia ocupado a Dinamarca (cuj capital é Copenhague, onde acontece a conversa).

“Copenhague” ganhou o Prêmio Qualidade Brasil de melhor espetáculo e melhor direção (para Marco Antônio Rodrigues) e indicação de melhor ator para Palma, além de indicações ao Prêmio Shell de melhor direção, cenografia e iluminação.

“Ildeu de Castro Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), me mostrou uma crítica inglesa da peça. Foi quando a conheci”, lembra Palma. “É um espetáculo perturbador, que fala de ciência de uma maneira incrível. Trata da incerteza na vida do próprio autor do Princípio da Incerteza”. O Princípio da Incerteza de Heisenberg é um dos pilares conceituais da física quântica, segundo o qual não se pode determinar com precisão a posição e o momento de uma partícula.

Esta peça não está mais circulando, mas a mais recente produção do grupo pode ser assistida na internet. “Insubmis-

sas – Mulheres na Ciência”, com texto de Oswaldo Mendes, trata da história de quatro cientistas. A física polonesa Marie Curie (1867-1934), foi pioneira na pesquisa da radioatividade e primeira mulher vencedora do Nobel. A química britânica Rosalyn Franklin (1920-1957), descobriu a estrutura do DNA, mas sua pesquisa acabou creditada apenas um colega homem do laboratório. A matemática egípcia Hipátia de Alexandria (c. 355-415), que foi diretora da Academia de Alexandria e foi assassinada por defender o raciocínio como lógica de pensamento. E a bióloga brasileira Bertha Lutz (1894-1976), que também foi política e discursou na ONU em defesa das mulheres cientistas.

“Insubmissas” foi apresentada virtualmente esta semana no Encontro Nacional de Centros e Museus de Ciências e continua disponível.

### Ciência cai no samba

Carlos Palma foi Einstein mais uma vez em um palco bem diferente: a Marquês de Sapucaí. O ator interpretou o cientista no carro abre-alas do desfile histórico da Unidos da Tijuca, “O Sonho da Criação e a Criação do Sonho: a Arte da Ciência no Tempo do Impossível”, enredo vice-campeão de 2004. A Casa da Ciência da UFRJ sugeriu o tema ao carnavalesco Paulo Barros e prestou consultoria para a escola de samba.

“A Suely Avelar, do Projeto Portinari, é a responsável por promover o encontro do Paulo Barros com a Casa da Ciência”, lembra Fátima Brito. Em 2002, Paulo era carnavalesco da Unidos do Tuiuti e estava desenvolvendo um enredo baseado em Cândido Portinari, artistas que foi tema de uma exposição na Casa da Ciência em 1999. “Ela nos convidou pra conhecer o trabalho que estava sendo feito no barracão”.

Esse encontro deu samba. “Tínhamos o sonho de trabalhar ciência com as manifestações populares e o carnaval ainda era um amor platônico”, recorda. A Casa



No monólogo “Einstein”, com o ator Carlos Palma, o cientista conversa com o público sobre sua vida

da Ciência se envolveu com aquele desfile. “Apaixonadas por carnaval, acompanhamos a construção daquele desfile inusitado: latas de tintas, garrafas de água mineral compunham as alegorias e ali havia uma plasticidade diferente”.

Em 2003, Paulo Barros estava na Unidos da Tijuca, no Grupo Especial (a “1ª divisão” do carnaval carioca). “Ousadamente, conversamos com Paulo e propomos um enredo sobre ciência. Ele riu e perguntou se estávamos loucas”. Mas insistência, muita conversa e muita pesquisa levou ao enredo que sacudi o carnaval aquele ano.

“Era a história da capacidade do ser humano em ir além de seus limites, de sonhar e realizar! O presidente da Unidos da Tijuca ficou assustado com o tema e não acreditava em bons resultados. E foi lindo, inovador! Participaram do desfile pesquisadores e cientistas como, por exemplo, o físico Marcelo Gleiser e Roald Hoffmann, Prêmio Nobel de Química, e Antonio Carlos Pavão, químico e diretor do Espaço Ciência de Pernambuco”.

Foto: Divulgação



Arte: Tonio

Arte: Tonio

# A Paraíba tocando para o mundo

## A partir dos anos 1930, Severino Araújo e Orquestra Tabajara conquistam o país e suas músicas ecoam em terras além-mar

**Lucilene Meireles**  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“Para ter uma orquestra boa, você tem que ter, primeiro, bons músicos. Tem que ter um bom regente. E eu sou um bom regente. Tem que ter um bom arranjador também”. Sem

falsa modéstia, o maestro Severino Araújo tinha consciência de seu talento ímpar como regente à frente da Orquestra Tabajara, quando fez essa afirmação, em entrevista à TV Cultura, em 2005.

Foram mais de 100 discos gravados numa trajetória de sucesso que se estendeu por sete décadas. À época, cada rádio possuía sua orquestra. A Tabajara, fundada em 1934, se mistura com o enredo da rádio homônima, que entrou no ar em 1937. O casamento musical deu certo.

Maestro, clarinetista, arranjador e compositor, Severino Araújo de Oliveira nasceu em Limoeiro, interior de Pernambuco, no dia 23 de abril de 1917. Na Paraíba, assumiu a regência da Orquestra Tabajara aos 21 anos de idade, e ficou à frente do grupo por 70 anos. O sucesso foi imediato. Regente e orquestra se tornaram referência do Brasil na Europa, onde fizeram várias apresentações. Esse feito teve relação com uma característica específica do grupo: a associação de nuances do jazz americano com o chorinho tipicamente brasileiro. Arranjos que remetiam às famosas big bands tornaram a Orquestra Tabajara singular.

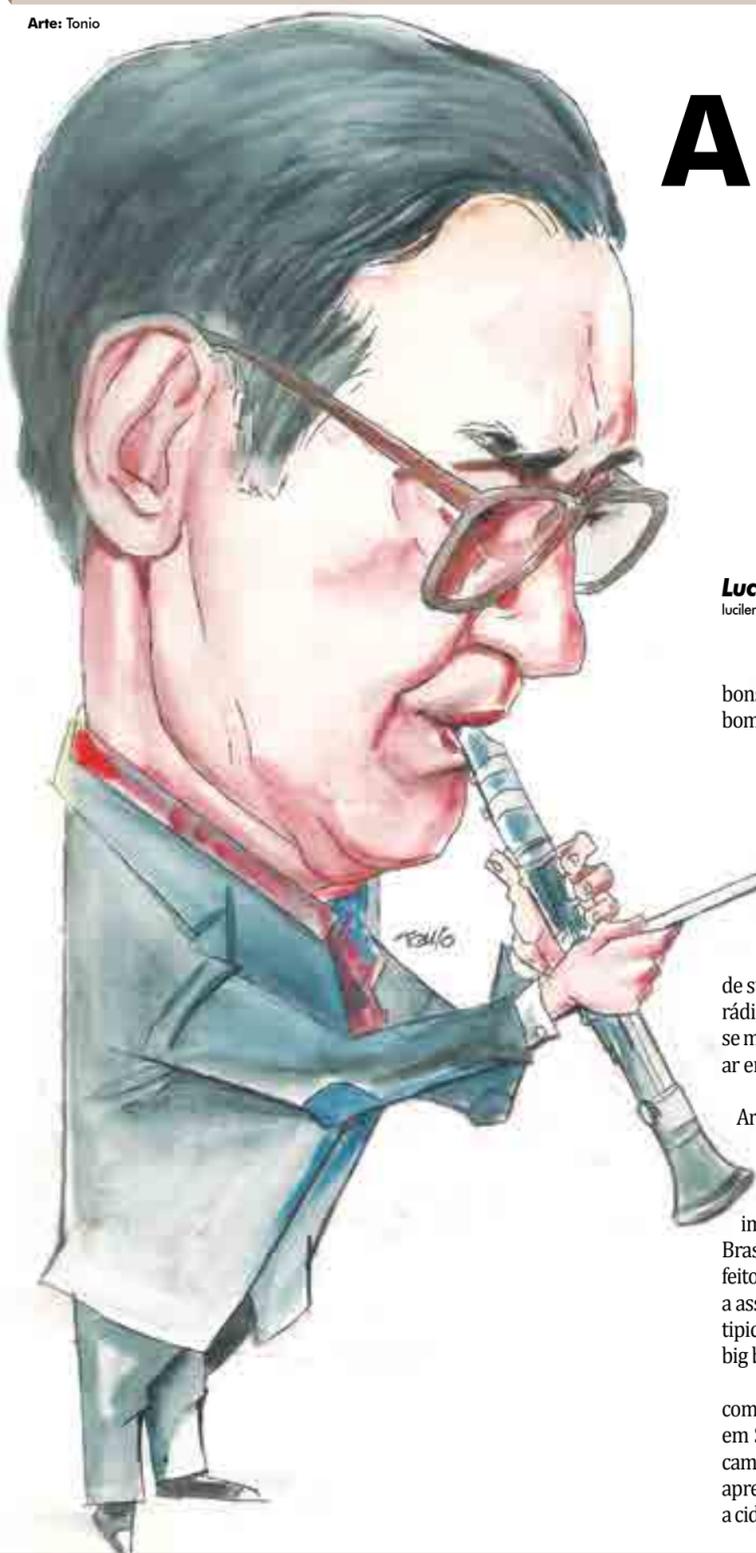
A influência do pai, José Severino de Araújo, conhecido como Mestre Sazuzinha, que era mestre de banda, despertou em Severino Araújo a vontade de enveredar pelo mesmo caminho. Aos 8 anos de idade era assistente do pai, aos 12 aprendeu a tocar clarinete e, aos 16, veio com a família para a cidade de Ingá, na Paraíba. Em 1936, tornou-se clarinetista

da banda da Polícia Militar. O talento era inegável e Olegário, regente da orquestra, se impressionou com a performance. No mesmo ano, o jovem foi contratado como saxofonista. Em 1937, o governo do estado inaugurou o Rádio Tabajara e, a partir da década de 1940 até os anos 60, a Orquestra Tabajara participava dos programas de auditório, que passaram a compor a grade.

“A relação de Severino Araújo com a Orquestra Tabajara era uma relação de amor muito forte, porque a música estava em sua alma, seu coração, sua mente, em seu sangue. Como uma pessoa muito talentosa, ele teve boas referências musicais que eram as orquestras americanas. Consequentemente, buscava aquela qualidade, trabalhando a música brasileira, especialmente o chorinho, o samba e até mesmo o frevo e a música popular. Ele deu à música popular brasileira, através de sua orquestra, uma característica marcante que era a boa e perfeita execução das músicas”, destacou o maestro Luiz Carlos Durier, regente titular da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB).

“Com sua ascensão a regente da Orquestra Tabajara, Severino Araújo, exatamente, a formação das big bands, a exemplo das orquestras de Glenn Miller e outros grandes regentes americanos que serviam como referência”, observou Durier. O músico faleceu em 3 de agosto de 2012, no Rio de Janeiro, aos 95 anos de idade, e a essa altura já havia passado a batuta para seus irmãos, que também faziam parte da Orquestra Tabajara.

“O mais importante é que ele tocava a música brasileira com essa formação orquestral. Para uma qualidade de um grande regente, isso é perfeito porque ele ressaltou, abrilhantou e colocou a música brasileira no ponto mais alto possível. Ele não imitou ninguém, apenas as orquestras americanas serviram de referência na qualidade da afinação, na composição dos membros da orquestra”, analisou Luiz Carlos Durier.



## + Busca pela essência da MPB

“Severino Araújo foi um grande regente, um grande artista, um grande músico, e deixou a sua marca influenciando outros regentes, estimulando criação de bandas de orquestras como a que ele dirigia, fez parceria com grandes músicos e tinha uma qualidade que é fundamental em qualquer regente que é ser um grande orquestrador. É uma virtude de um músico. Ele foi espetacular como músico, como compositor, como orquestrador, porque o sucesso de uma música se dá também pela sua excelente orquestração”, analisou Luiz Carlos Durier.

Para o maestro da OSPB, Severino Araújo deixou uma rica herança musical. “O seu legado é exatamente a busca pela qualidade, pela beleza, pela essência e, principalmente, o trabalho que ele fez com a música popular brasileira. O orgulho que ele tinha pela nossa música, é um orgulho que nós sentimos hoje”, enfatizou.

Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, Durier acompanhou a trajetória do maestro desde criança, pesquisou muito sobre ele e afirma que a música de Severino Araújo é uma referência no Brasil, a exemplo de ‘Espinha de bacalhau’ e tantas outras que ficaram conhecidas mundialmente.

### Releituras

Além das músicas nacionais, Severino Araújo fez releituras de músicas americanas famosas como ‘Beguin The Beguine’ (Cole Porter), ‘Moon River’ (J. Mercer e Henri Mancini) e ‘My Way’ (Jacques Revaux). Para Durier, o maestro imprimiu a qualidade e o desempenho que as orquestras americanas tinham na música brasileira, na MPB, especialmente no choro, no samba e no frevo. “Ele se juntou com o que tinha de melhor em termo de pessoas que podiam colaborar com a orquestra, e é muito importante que a orquestra tenha pessoas versáteis, colaborativas, que gostem de trabalhar e amem o trabalho”, pontuou.



Foto: Arquivo do Jornal A União

Severino Araújo fez músicas conhecidas mundialmente

“O que ele deixa para nós é um exemplo de uma grande capacidade artística, humildade musical, competência e uma sensibilidade estrondosa em relação à música e ao que ele fazia. Me sinto orgulhoso de pertencer à Paraíba, à música paraibana e de ter Severino Araújo como referência no nosso trabalho”, acrescentou.

Com repertório versátil, Severino Araújo passou pela música clássica e interpretou canções famosas brasileiras como ‘Garota de Ipanema’ (Tom Jobim e Vinícius de Moraes), ‘Aquarela do Brasil’ (Ary Barroso), passando por ‘Mania de Você’ (Rita Lee e Roberto de Carvalho), e ‘Eu Te Darei o Céu’ (Erasmus e Roberto Carlos), além de temas internacionais, como ‘Guantanamera’ (The Sandpipers). Também fez uma releitura de ‘O Guarani’, de Carlos Gomes, junto com a Orquestra Tabajara. A música é tema de abertura da Hora do Brasil.

## Mais antiga em atividade no planeta

A orquestra de Severino Araújo era a mais antiga em atividade ininterrupta do mundo e seu diferencial, após a assumir a Orquestra Tabajara, que era da Rádio Tabajara, é que ele se revelou, além de um grande compositor, um excelente arranjador. “Naquele tempo, anos 30, o rádio era o grande fenômeno de comunicação e cada emissora tinha sua orquestra. Na Paraíba, Severino Araújo assumiu a orquestra que passou a receber os grandes nomes nacionais e internacionais que vinham se apresentar nas rádios, nos programas de auditório, e a orquestra acompanhava”, relatou o maestro Carlos Anísio, professor do Departamento de Música da UFPB e diretor do Coro de Câmara Villa-Lobos.

A fama levou a Orquestra Tabajara inteira a ser contratada no Rio de Janeiro, em meados dos anos 40. O grupo foi tocar em grandes emissoras como a Rádio Tupi, a Mayrink Veiga e em emissoras de tv. Também participava

da vida cultural da capital federal, que era o Rio de Janeiro, na época. “Uso seu talento para tentar fazer uma música brasileira através das big bands. E consegui fazer isso, mas traduzindo para a linguagem musical brasileira. Foi aí que ele se notabilizou”, afirmou o maestro.

No Rio de Janeiro, tocava em cassinos, tevês, clubes, gafieiras e começou a gravar, fez uma discografia. “Inclusive, teve um tempo em que a música brasileira estava em baixa, e eu tenho certeza de que ele começou a gravar. A Orquestra Tabajara com outro nome, acho que era ‘Românticos de Cuba’, e gravava música latino-americana, caribenha, mexicana. E era a mesma Orquestra Tabajara, mas comercialmente, faziam essa estratégia”, observou Carlos Anísio.

Os dois maestros não tiveram amizade direta, mas Anísio chegou a vê-lo tocar nos carnavais do Clube Cabo Branco, no Espaço Cultural, em aniversário de cidade.

“Ele era um maestro muito performático na frente da orquestra. Era muito engraçado, apesar de já ter mais de 80 anos quando o vi tocar. Tocava muito bem e é autor de músicas antológicas para clarinete como ‘Espinha de bacalhau’, ‘Chorinho delicioso’, ‘Chorinho pra você’ comentou.

Ainda segundo Carlos Anísio, a grande herança que ele Severino Araújo e a Orquestra Tabajara deixaram foi mostrar que os músicos brasileiros eram competentes. “A música brasileira é difícil, complicada, principalmente, a questão rítmica. Dentro desse universo orquestral, de música instrumental, principalmente da big band, ele traçou o caminho para a linguagem brasileira para esse tipo de música. Existe uma música brasileira popular instrumental que tem Severino Araújo como um de seus pilares, atestando que é possível fazer música de qualidade, instrumental, sofisticada sem se curvar aos estrangeirismos, e com o nosso sotaque, nossa identidade”, enfatizou.

Foto: Arquivo do Jornal A União



A Orquestra Tabajara foi contratada para tocar em emissoras de TV e rádio, como a Tupi e Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro

## SEVERINO QUIRINO

# Um dos mais consagrados nomes da radiofonia paraibana

Lucilene Meireles  
lucilenemeirelesjp@gmail.com

De origem humilde, nascido na Rua do Fogo, Estação Velha, em Campina Grande, o paraibano Severino Quirino de Farias trabalhou duro para construir uma história de sucesso. Chegou a vender carvão nos idos dos anos 40 e 50 pelas ruas de sua cidade natal. Mal sabia o menino que todo aquele esforço não seria em vão e que pouco tempo depois se tornaria um respeitado profissional em rádio, TV e na área de cerimonial. Nascido em 1º de janeiro de 1937, o homem de estatura baixa ganhou o apelido carinhoso de “Fogãozinho”, por ser às vezes “esquentado”, como relata o próprio filho. Andava sempre de terno e, por seu jeito cordial e solidário, conquistou muitos amigos por onde passou.

Quirino se destacou como radialista, principalmente, em Campina Grande. A Rádio Borborema, fundada em 1948, foi seu primeiro emprego, mas ele não foi direto atuar como tal. Inicialmente, foi admitido como porteiro, em 1956. Vivenciou a era de ouro do auditório, do calçadão da Rua Cardoso Vieira, local que recebeu de Rosil Cavalcanti a Orlando Silva, dentre muitos outros famosos da época, que faziam apresentações ao vivo, conforme relatou seu filho, o psicólogo e professor Maio Spellman Quirino de Farias.

Com o tempo, o radialista galgou espaço na Rádio Borborema, demonstrou desenvoltura e talento para transmissões externas e logo se tornou o locutor das grandes inaugurações de Campina Grande. Aliava cerimonial à transmissão. Foi rotariano e também fazia cerimonial lá. Transitou pela TV Borborema depois de sua fundação, em 1966, ao lado de Geraldo Batista.

Quirino concluiu o curso de Direito nos anos 80, foi defensor público e atuou na área de propaganda e publicidade. De 1962 a 1966, trabalhou na cidade de Patos, passando ainda pela Rádio Clube de Recife. Nos anos 90, participou de grandes programas. Na

Rádio Caturité, fez ‘Projeto evocação’ e, na Borborema, fez ‘Relicário RB – O show da saudade’. “Nesses programas, tocava músicas da era de ouro do rádio e a audiência era enorme, levando ao ouvinte nomes como Noel Rosa, Francisco Alves, Lamartine Babo, Grande Otelo, Paulo Gracindo, Radamés Gnatalli, Nelson Gonçalves, Mário Lago, Aracy de Almeida, entre outros”, destacou Maio.

Em Patos, segundo seu filho, Quirino se filiou à Associação de Cronistas Esportivos e fez campo de vários jogos. “Em Campina, fazia do Treze. Até virou sócio. Foi também em Patos que ele conheceu minha mãe e se casaram em 1966. Tiveram três filhos. Somos três irmãos e minha mãe tem 81 anos”, comentou.

Influenciado pelo pai, Maio conta que adorava o ambiente da rádio e da tv, por onde circulava inebriado com os bastidores. “Conheci também seus contemporâneos. Gilson Souto Maior, que era de casa, Joel Carlos, Evandro Barros, Geraldo Batista, Edleuson Franco, Joselito Lucena, Paulo Rogério, Marcone Góes, Luiz Aguiar e muitos outros. Foi homenageado uma vez pela Associação Campinense de Imprensa (ACI) e, em 2003, como Sala de Imprensa da extinta Micarande.

Severino Quirino gostava muito de comemorações e nasceu num dia de festa, 1º de janeiro. Acometido pelo Mal de Alzheimer, faleceu de embolia pulmonar em 2 de janeiro de 2003, um dia depois de completar 66 anos. “O legado do meu pai foi o da conduta reta. Não era perfeito, longe disto, mas era cordial, gentil, solidário para com as pessoas. Se via alguém empurrando um carro, mesmo sem conhecer, ele ajudava. Dava carona até a desconhecidos”, lembrou Maio Spellman.



Artes: Tonio

## Cerimoniais da Caturité, Borborema e Cariri

Na lista daqueles que puderam usufruir da companhia e da amizade de Severino Quirino está o jornalista e professor Gilson Souto Maior que, de quebra, aprendeu muito com ele. “O que fez com que ele se tornasse um dos mais consagrados nomes da radiofonia da Paraíba foi sua experiência enorme, mesmo sem uma formação específica para cerimonial. Por isso, ele foi o homem de cerimoniais da Rádio Caturité. Foi também de cerimoniais de todas as transmissões da Rádio Borborema e da Rádio Cariri, emissoras associadas de Campina Grande. Foi, realmente, famoso por esse trabalho que executava com muita competência”, afirmou. Segundo Gilson, Quirino também teve passagem pela Rádio Espinhara.

“Como eu digo num dos livros meus, foi justamente através dele, com incentivo dele, que eu muito jovem, na Rádio Caturité, fui escalado para fazer transmissões de solenidades diversas, tanto oficiais quanto particulares, de inauguração de lojas, por exemplo. Ele me orientou muito, tanto que, ao longo dos anos, desenvolvi esse trabalho”, contou Gilson que, depois, se formou em Jornalismo, fez cursos de cerimonial para as emissoras e também para a Telebrás, onde atuou como assessor de comunicação, cobrindo atividades do Governo Federal na Paraíba.

Severino Quirino foi da época em que os Diários Associados tinham, em Campina Grande, nomes como Hilton Mota, que chegou a ser diretor dos Associados no Nordeste e inaugurou a primeira emissora FM no Estado, a Campina Grande FM. Trabalhou com nomes como Ariosto Sales, Leonel Medeiros, Nelson Amaral, Joselito Lucena, Humberto de Campos, Haroldo Lessa, Deodato Borges, Fernando Silveira, Joel Carlos.

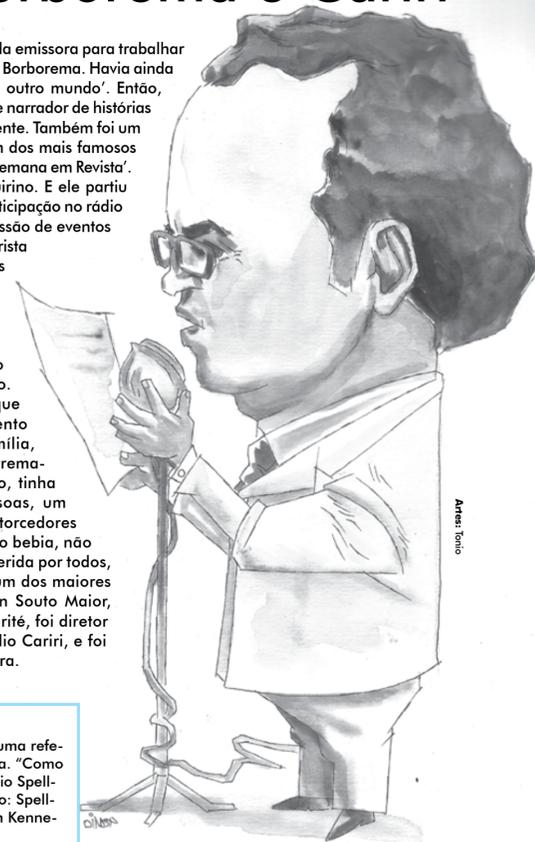
### Ator e narrador do radioteatro

Além disso, fez radioteatro na Rádio Borborema. De acordo com Gilson Souto Maior, Deodato Borges e Fernando Silveira

gostavam de aproveitar os valores da emissora para trabalhar nas novelas e nos seriados da Rádio Borborema. Havia ainda o programa semanal ‘O teatro do outro mundo’. Então, Quirino atuava como ator do rádio e narrador de histórias que eram apresentadas semanalmente. Também foi um dos grandes apresentadores de um dos mais famosos programas da Paraíba chamado ‘A Semana em Revista’.

“Eu devo muito a Severino Quirino. E ele partiu cedo. Era um cara que, além da participação no rádio como uma pessoa ligada à transmissão de eventos e cerimoniais, foi um grande noticiarista e um dos primeiros apresentadores da televisão Borborema, que foi a primeira emissora de tevê do nosso estado”, destacou.

O legado de Quirino, segundo seu amigo, se estende desde o aspecto profissional até o humano. “O legado dele foi a dedicação que tinha pelo rádio, o comportamento exemplar como bom pai de família, como bom amigo e um sujeito extremamente cristão. Era muito religioso, tinha um respeito humano pelas pessoas, um apaziguador e um dos maiores torcedores do Treze de Campina Grande. Não bebia, não fumava. Era uma pessoa muito querida por todos, uma pessoa extraordinária e foi um dos maiores amigos que eu tive”, disse Gilson Souto Maior, que também atuou na Rádio Caturité, foi diretor da Rádio e TV Borborema, da Rádio Cariri, e foi ainda presidente da Rádio Tabajara.



Artes: Tonio

### SAIBA MAIS...

■ O nome “Spellman” virou uma composição nos nomes dos filhos de Severino Quirino, pois era uma referência a um cardeal americano, de Nova York, com livre trânsito no Vaticano e na política americana. “Como papai era muito católico, pôs esse nome nos três filhos. Ficou nome composto: Maio Spellman, Sérgio Spellman e Ana Clara da Consolação Spellman. Na minha irmã foi pior, porque ficou como nome próprio: Spellman Quirino de Farias. As pessoas dizem, inclusive, que papai anunciou a morte do presidente John Kennedy, em 1966, pelo rádio, mas não tenho comprovação disto”, disse Maio.

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## Resumos de notícias ou textão? Você escolhe!

Como você se relaciona com o tamanho das matérias jornalísticas? Lê/vê tudo o que lhe interessa, independentemente do volume de informação, ou seleciona o conteúdo a partir do tempo que irá despender? Você abre um vídeo e checa logo se ele tem mais de um minuto? Acessa uma matéria e confere de imediato quantas linhas têm ou quanto tempo vai levar para concluir a leitura?

Alguns veículos adotam a fórmula de facilitar a vida do público, fornecendo o resumo da notícia em alguns tópicos, ou informando quantos minutos serão necessários para ler tudo até o fim. Há ainda matérias de alguns veículos que, na medida em que você vai lendo, alguns trechos são destacados. A ideia é que, caso você leia apenas os destaques, estará bem informado.

Como leitora (confesso: às vezes, acho difícil separar a “jornalista” da “leitora por fruição”), ora sou apressada e quero apenas o resumo do fato, ora busco o texto-deleite —

aquele que me atrai pela forma, o estilo, o modo como o tema é conduzido. Nesse caso, se meu tempo está contadinho, salvo a matéria e deixo a leitura para depois.

Mesmo em poucas linhas, no entanto, sei que é possível entregar ao leitor bem mais do que um texto-formulário. Infelizmente, a pobreza de estilo predomina. Será pressa em divulgar o fato ou falta de leitura? Acredite: esses dias, um colega professor comentou que havia alunos que se orgulhavam de nunca terem lido um livro na universidade! Limitavam-se a pedaços de livros, cópias de capítulos, resumos encontrados na internet... São esses jornalistas que estão escrevendo (ou que vão escrever) para a gente?

Tenho em casa livros de Fabiana Moraes (Os Sertões — um livro-reportagem; *Nabucos em pretos e brancos*) e Eliane Brum (*O Olho da Rua; A menina quebrada e outras colunas*), jornalistas que muito admiro pelo estilo. São exemplos de uma escrita jornalística



que tenho todo o prazer em dedicar minutos e mais minutos de leitura.

Mas não se engane: o texto ruim também é abundante para além dos jardins e quintais das plataformas impressa e digital. Está na TV e no rádio. Nesses veículos, a fala do repórter/apresentador precisa ser coloquial, direta, clara. Isso, porém, não é desculpa para o profissional derrapar na língua portuguesa ou se valer da mesmice.

Cá entre nós: passo mal quando escuto um repórter falar que “o ladrão fugou”. Minha gente!!! Não sei você, mas não perco um minuto da minha vida com esse tipo de comunicador. E ele está aqui, ali e alhures! Também por isso que você precisa selecionar bem o conteúdo que vai tomar seu tempo.

Como lembrado pelo escritor Alessandro Nicole de Mattos (*Informação é prata, compreensão é ouro* — um guia para todos sobre como produzir e consumir informação na Era da Compreensão), informação é produto e tem valor de mercado. Os segundos, minutos e até horas que você dedica para consumir alguma notícia/reportagem têm um preço.

“Na sociedade da compreensão, as pessoas devem ter meios para selecionar, escolher e filtrar as informações que realmente as interessam”, pontua De Mattos. E aí, volto a algumas provocações que já fiz em colunas anteriores: a informação que você produz interessa de fato? Enriquece a vida de alguém ou só faz passar o tempo? Mais: quem está escolhendo a informação que você vai consumir, você ou os algoritmos?

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

## Angela Maria e as composições de Adelino Moreira

É impossível contar a história da música brasileira e do próprio país sem mencionar o nome de Angela Maria. Sua popularidade assombrosa a fez colecionar recordes ao longo da vida: foi a cantora de sua geração que mais vendeu discos e a que durante mais tempo foi apontada pelo Ibope como a mais popular do Brasil — nada menos que três décadas. Fora isso, teve mais de cinquenta canções em paradas de sucesso, ganhou algumas centenas de troféus, foi mais de 250 vezes capa de revistas e tema de um sem número de críticas positivas e negativas semanalmente na imprensa. Seu próprio tempo de carreira é algo imbatível em nosso país — cerca de 65 anos ininterruptos, gravando e se apresentando em casas de show lotadas.

Mas, para que Angela Maria se tornasse a cantora mais popular do Brasil e o “maior salário do rádio” de seu tempo, enfrentou uma infância miserável e de sua terrível resistência dos seus pais religiosos. Depois, já famosa, foi do céu ao inferno em sua vida pessoal, ludibriada por maridos-empresários. Entretanto, com uma incrível capacidade de superação, sobreviveu a tudo, inclusive aos mais diversos modismos musicais, tornando-se um mito da cultura nacional e influenciando, decisivamente, a carreira de inúmeros intérpretes essenciais da nossa música.

Para Angela Maria, o ano de 1955 foi simplesmente maravilhoso. Além dos três grandes títulos por ela conquistados, podemos acrescentar mais um: “a artista mais falada de 1955”. Todos os jornais e revistas, quase que diariamente, falaram da maior

cantora dos nossos ritmos. Nas ruas e nos lares, entre outros assuntos, há sempre um comentário sobre a Angela Maria. (Correio da Manhã, 08/01/1956).

Muitas mulheres e artistas famosos da época foram muito comentados no país, no ano de 1955, mas ninguém foi páreo para Angela Maria. Em qualquer ponto do Brasil, alguém estaria ouvindo sua voz porque, afora toda a publicidade em torno de seu nome e de cantar ao vivo em tudo quanto era evento e emissora do país inteiro, ela vendeu 411 mil discos em 78 RPM, além de 45 mil LPs. Isto tudo num mercado que ainda engatinhava nesse novo formato. Tais números seriam enormes nos dias de hoje, imagine num país com a população quatro vezes menor que a atual.

Angela Maria foi sem dúvida nenhuma a cantora mais popular do Brasil, recordista de vendas e de gravações, estima-se que chegou a gravar duas mil músicas, marca nunca alcançada por nenhuma outra cantora. Angela Maria era uma cantora de baixa estatura, de voz doce e ao mesmo tempo forte e grave. Foi apelidada pelo presidente Getúlio Vargas como a sapoti do rádio brasileiro. O chefe da nação era seu fã incondicional. O presidente Getúlio Vargas chamava Angela Maria de sapoti pela doçura da voz e pela cor morena.

Angela Maria foi uma cantora que começou nos cultos evangélicos, pois todos da sua família eram da religião evangélica. Angela participou de vários programas de calouros, onde obtinha sempre o primeiro lugar; e depois teve que continuar sua carreira nas casas de dancing e matins. Angela tinha

um repertório variadíssimo, tanto cantava músicas carnavalescas, samba-canção, samba tradicional, boleros, valsas, tangos como outros gêneros.

Nas sua formação musical, Angela Maria se espelha em duas cantoras das quais ela era fã incondicional: as interpretações dramáticas de Dalva de Oliveira e a suavidade da voz da divina Elizeth Cardoso. No início de suas gravações, o repertório era muito fraco e não deslançava. Foi quando conheceu Adelino Moreira a quem ela chamava de mestre.

Foi com o mestre Adelino Moreira que sua carreira teve um novo impulso, vindo a produzir um extraordinário e magnífico sucesso nas paradas musicais e nas vendas de discos, chegando a gravar mais de cem músicas do mestre Adelino, muitas delas se tornaram clássicos, sendo de execução obrigatória nas rádios e nos shows.

Dentre essas canções, teve uma que mais se destacou, “Cinderela” (Venha de onde vier, Chegue de onde chegar, Aquele amor que sonhei, Virá que eu sei, É só esperar, Venha de onde vier, Chegue de onde chegar, Encontrará Cinderela, De beijo mais puro, De amor pra lhe dar, Cinderela, Cinderela, Menina moça, coração à palpitir, Cinderela, eu sou, Cinderela, E o meu príncipe encantado, Vai chegar). A música se tornou um dos maiores sucessos da carreira de Angela Maria.

Adelino Moreira, no final da sua brilhante e consagrada carreira de compositor, resolveu abrir uma casa de show em Campo Grande, onde escolheu como nome para a casa de eventos “Cinderela”, em homenagem a sua grande criação musical “Cinderela”. No palco desta casa de shows, passaram muitos artistas famosos, políticos, inclusive o presidente Juscelino Kubitschek era um frequentador assíduo do local.

Angela Maria inicia seu sonho de gravar com o mestre Adelino, com as composições “Ingenueidade” e “Ironia”, em 1960, no formato 78 RPM e pela Copacabana. Em 1961, grava as canções “Distância” e “Barrasca” (78 RPM) pela Continental. Em 1962, grava “Garota solitária” e “Meu ex amor” (Meu ex amor, Cotidão de você,

meu ex amor, Da tristeza portador, Quem foi que lhe magoou? Quem foi que lhe deu tanto desgosto? Quem pôs no seu rosto, E tanto lhe maltratou? Parece que no seu itinerário, Dos amores do seu rosário, Só o meu amor restou, Malvadas, mulheres sem coração, Fizeram meu ex amor, Aprender nova lição!).

Também gravou “Eu não disse”, “Eu te amo” e “Beijo roubado” (Dizem que beijo roubado, Embora seja de amor, É crime na terra e no céu é pecado, Mas o homem criminoso e pecador, Para mim está tudo errado, Beijo roubado tem mais calor, Para mim está tudo errado, Beijo roubado tem mais calor, Quantos beijos eu ganhei do meu amor, Eu não contei nem ele contou, Mas nenhum beijo foi mais beijo, Que o primeiro beijo, Que eu fingi negar e ele roubou). E ainda a canção “Até breve”.

Em 1963, grava “A lei do mais forte”, “Brigas de amor” e “Esta noite ou nunca” (Esta noite ou nunca, meu amor, Amanhã será tarde demais, Colhe nos meus lábios uma flor, Beija-me com beijos sensuais, Fica nos meus braços esta noite, E os mais lindos sonhos sonharás, Esta noite ou nunca, meu amor, Amanhã será tarde demais, Meu interior está em brasa, Queima com loucura, com afã, Mata o desejo que me abraça, ou brasa serão cinzas amanhã, Sou uma fogueira crepitando, e brasa de lavras colossais, Esta noite ou nunca, meu amor, Amanhã será tarde demais). Ainda no mesmo ano, gravou “Mulher e chita” e “Eu acho muito engraçado”.

Adelino Moreira foi sem sombra de dúvidas o compositor que com suas criações musicais prestigiou e influenciou cantores e cantoras a fazerem grande sucesso nacional. Muitos deixaram sua marca nas paradas de sucesso, do rádio, TV e nos shows, graças a genialidade de Adelino. Dentre eles: Cauby Peixoto, Carlos Nobre, Carlos Gonzaga, Nubia Lafayett e Paulo Vinicius, além de muitos outros que regravaram suas composições. Adelino Moreira continua sendo um grande desconhecido e sequer tem uma biografia escrita no Brasil. Nenhum outro compositor no Brasil produziu tantas canções com tamanha qualidade.

# MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses  
 Email: chefwalterulysses@hotmail.es



Foto: Pixabay

## Meu negócio

**N**em sempre nosso negócio tem que ter a nossa cara e, principalmente, o que nos convém. Eu não posso ter o meu restaurante com as comidas que eu gosto, nem muito menos ter um comércio que venda alinhamentos, baseados naquilo que eu quero fazer ou vender. Um restaurante para ser aberto tem que ser pensado em tudo, tipo de música, climatização local, decoração, cor... É uma série de fatores que vão fazer com que seu cliente queira passar mais tempo no local e, indiretamente, haja uma consumação maior que o normal, até porque o ambiente estará favorável ao cliente e não ao dono do local.

Essa semana fui a uma rede de supermercado aqui no Bairro dos Estados. Notei que ele cresceu muito, mas ainda continua no formato de mercadinho, pois tudo que eu perguntei sobre o que não tinha era informado que não poderia haver, pois o dono não permitia. Isso é uma forma de pensar errada, voltada só para o proprietário e não para o cliente.

Vou citar dois exemplos bem simples. Sempre compro, neste mesmo supermercado, pão pequeno de fabricação própria, que vem em média 24 mini pães.

Por mais que tenha um prazo de validade de nove dias, ele mofa mais da metade, porque na minha casa o consumo é pouco. Perguntei o motivo pelo qual faziam a metade para não ter desperdício, e fui informado que o proprietário não permitia. Da mesma forma foi na bandeja de sobrecoxa resfriada, que o proprietário também não permite. Ah, e a pior de todas foi o calor que estava no local. Quando fui falar com um funcionário para questionar sobre isso, fui informado que era para economia de energia, por ordem do proprietário. Assim fica difícil!

Se o local é agradável com um clima frio, tem um sistema de som de uma boa música, você irá consumir e comprar muito mais do que vai precisar, isso é provado. Como vamos muito a Santa Luzia, cidade do interior da Paraíba, entramos em um supermercado e não dá vontade de sair, pois além de ter um super preço, o ar-condicionado não é desligado e o clima fica uma delícia.

Não deixe que seu negócio seja um local onde seu cliente fique na obrigação de ir e sair rápido, mas faça com que o local seja tão agradável que ele possa consumir e comprar mais coisas com muito prazer.

Isso é a diferença entre quem sonha o pensamento de seu cliente e aquele que faz com que ele esteja à vontade e se sinta em casa.

### PRATO DO DIA

#### Barquinha de alface americana

##### Ingredientes

- 4 folhas de alface americana
- 10 fatias de pepino bem finos e picados
- 1 tomate sem semente picada
- Folhas de hortelã
- 1 folha de couve cortada em tiras finas
- 100g de peito de frango grelhado e cortado em pequenos cubos
- Tempero a gosto

##### Modo de preparo

Pegue as folhas em formato de barquinho e coloque um pouco de cada ingrediente citado acima, cortadinho, e tempere ao seu gosto e sirva como na fotografia.



Foto: Divulgação

## QUENTINHAS

• A cachaça paraibana Matuta, reconhecida e premiada em concursos nacionais de qualidade, apresenta novidades para seus consumidores, com ampliação da linha de produtos, além de novas embalagens da bebida, tornando-a mais moderna e exclusiva. A partir de agora, na garrafa de vidro terá gravada o nome da Cachaça Matuta e também a boneca símbolo da marca. Haverá ainda mudanças no rótulo e no lacre da bebida, trazendo mais personalidade e diferenciação para o consumidor identificar a bebida na gôndola. Com uma história de quase 200 anos de produção, o Engenho Vaca Brava é um dos pioneiros na região de Areia, município com maior produção de cachaça na Paraíba.

• Você conhece a Sublime Dolci? Se a resposta for não, deveria conhecer o mais rápido possível. Principalmente, se você ama bolo de rolo. Pois é uma forma de amor a doces diferenciados, com a variedade fantástica de tortas de bolo de rolo de sabores deliciosos. Dá uma conferida no seu Instagram @sublimedolci, ou no contato do telefone 99801-6096.

• Você sabia que aqui na capital existe um local que faz delivery de vinhos? Pois, a Casa Mondovino, além do pedido ser muito fácil de fazer, a entrega é muito rápida em seu endereço. Eles têm uma vasta carta de vinho de excelentes rótulos. Visite seu Instagram @casamondovino, ou entre em contato pelo WhatsApp 99873-3444.

• O Galetos Restaurante e Petiscaria, está com uma super promoção até o final deste mês. O galetto desossado completo (que acompanha feijão, arroz, macaxeira, farofa e vinagrete) está por R\$ 43, e o simples está R\$ 30. É uma delícia e todos eles são feitos na brasa. Seu Instagram é @galetosrestaurantejp, e seu telefone é 99697-0615

## PITADAS A GOSTO

Originária do leste do Mediterrâneo, a alface (*Lactuca sativa*) é uma hortaliça pertencente à família Asteraceae, a mesma da alcachofra, almeirão, chicória e escarola. Sabe-se que a mesma era conhecida no Antigo Egito por volta do ano 4.500 a.C. A hortaliça foi trazida para o Brasil pelos portugueses no século 16. A alface é uma hortaliça tipicamente folhosa, de grande aceitação. Ao lado do tomate, é o principal ingrediente da maioria das saladas. Provavelmente, esse grande consumo se dá em razão de seu sabor agradável e seu fácil preparo. Existem espécies de alfaces que apresentam folhas lisas, crespas, roxas, etc. A alface americana é a espécie que possui as folhas mais crocantes.